ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

ATA Nº 015

PRESIDENTE - DEPUTADO WILSON SANTOS

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) - Invocando a proteção de Deus, e em nome do povo mato-grossense, declaro aberta esta Audiência Pública com o objetivo de debater o Ciclo de Formação Humana, popularmente conhecido como escola ciclada, implantado em Mato Grosso há mais de dez anos.

Convido para compor a mesa o Exmº Sr. Prefeito Municipal de Cáceres, o amigo Francis Maris Cruz; a Vice-Prefeita Antônia Eliene Liberato Dias; o Vereador Rubens Macedo; o Vereador por Cuiabá Dilemário Alencar; o representante da Secretaria de Estado de Educação, Sr. Alfredo Tomoo Ojima; o Coordenador de Formação de Professores e Gestores, Sr. Edinaldo Gomes, popular Edinho; a Professora Rinalda Bezerra, Diretoria de Licenciaturas, neste ato representando a Magnífica Reitora da Unemat; o presidente do Sindicato dos Profissionais da Educação de Cáceres, Sr. Orlandir Cavalcante; o presidente do Conselho Municipal de Educação de Cáceres, Sr. Laércio Neves Cardoso; a palestrante, Professora Regina Borges Araújo, que também é presidente do Conselho Municipal de Educação da Capital, ela será a nossa motivadora, a nossa facilitadora, a nossa provocadora e instigadora nesta tarde; convido, também, para compor a mesa, o Sr. Wilson Masahiro Kishi, Secretário de Governo da Prefeitura Municipal de Cáceres. (PALMAS)

Composta a mesa, convido a todos para, em posição de respeito, cantar o Hino Nacional Brasileiro.

(EXECUÇÃO DO HINO NACIONAL BRASILEIRO.)

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) – Com muito prazer, quero chamar para compor a mesa, representando o Ministério Público do Estado de Mato Grosso, o Dr. Douglas Lingiardi Strachicini – nós cuiabanos, doutor, temos dificuldades em pronunciar esses nomes estrangeiros, nós sofremos, aqui, com esses nomes. (RISOS)

Quero dizer que o Ministério Público tem estado presente em todas as Audiências Públicas. Esta é a quinta Audiência Pública, a primeira foi dia 20 de março em Rondonópolis; a segunda foi no dia 16 de abril em Sinop; a terceira no 17 de abril em Alta Floresta e ontem em Tangará da Serra.

Convido, também, para compor conosco a mesa, o nosso parceiro de liderança, Vice-Líder do Governo do Estado, o Deputado Estadual Dr. Leonardo Albuquerque – tenho que pedir permissão para entrar na terra dele. (PALMAS)

Quero registrar aqui as presenças de algumas pessoas muito caras e muito importantes nesta Audiência: a Professora Nina Figueiredo, Coordenadora do Curso de Pedagogia da UNEMAT; da Sra. Luciane Miranda Faria, Diretora do CEFAPRO de Cáceres; do Sr.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

Wellington de Almeida, Assessor Pedagógico também de Cáceres; da Sra. Arinéia Graciela Ardaia, presidente do PSDB, muito obrigado, minha presidente.

Agradeço a presença de toda a imprensa, que nos ajudou a divulgar este evento, durante toda a semana; a presença da Secretária Municipal de Mirassol D' Oeste – muito obrigado ao pessoal de Mirassol D' Oeste.

Também agradecemos as presenças dos diretores e professores das seguintes escolas de Cáceres: Escola Estadual Padre José Anchieta, Escola Estadual Dr. José Rodrigues Fontes, Escola Estadual Prof. Demétrio Costa Pereira, Escola Estadual Desembargador Gabriel Pinto de Arruda, Escola Estadual Criança Cidadã, a todo o pessoal do CEFAPRO - o CEFAPRO vai ser falado muito aqui, hoje, é fundamental a presença de vocês –; pessoal da UNEMAT, muito obrigado, e também da escola Estadual CAIC.

Registrada a presença de todos, convidamos a professora Regina Borges, presidente do Conselho Municipal, para se preparar para fazer a apresentação da sua palestra, em quarenta minutos, professora. (PAUSA)

Eu quero falar um pouquinho sobre essas Audiências Públicas, após cumprimentar as autoridades, meus colegas professores... Esta é a quinta Audiência Pública, Prefeito, que nós já realizamos em polos de Mato Grosso. A Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso resolveu fazer oito Audiências Públicas, este é um ato oficial da Assembleia Legislativa, ele está sendo filmado, gravado, e tudo que for dito aqui, tem que ser dito pelos microfones, para que conste nos Anais da Assembleia Legislativa, para futuramente, quando a direção da UNEMAT, do CEFAPRO, ou de qualquer escola, quiser esta gravação, ela estará à disposição, é o registro histórico desta Audiência Pública. Então, é uma Audiência Pública oficial da Assembleia Legislativa, é um ato oficial do Parlamento Estadual, que tem 180 anos. E o Parlamento, então, resolveu fazer oito Audiências Públicas – essa é a quinta.

Qual é o objetivo? Discutir o Ciclo de Formação Humana. Eu sei que o Município de Cáceres, a rede municipal, não adota o Ciclo de Formação Humana, nem o Ciclo de Aprendizagem. Cuiabá adota e o Governo do Estado também.

Lá, em Tangará da Serra, ex-Deputada Zilda Pereira Leite, a Prefeitura adota só o primeiro ciclo, o segundo e o terceiro ciclos são seriados. Então, nós temos visto de tudo em Mato Grosso. Municípios que adotam os três ciclos no ensino fundamental, que agora é de nove anos; municípios que adotam só o primeiro ciclo, os dois segundos ciclos são seriados... Cáceres mantém a rede municipal no seriado. No Estado é a rede ciclada e o ensino médio todo na rede seriada. Então, temos de tudo; e os quatorze anos de implantação, da chegada do ciclo a Mato Grosso, não foram suficientes para unificar esse modelo de ensino.

Muito bem, o papel da Assembleia Legislativa é este, é fomentar a discussão. Nós não vamos colocar – nem o Deputado Dr. Leonardo, nem eu, nós não colocaremos – a nossa opinião em relação a isso. Nós não estamos aqui para condenar nem absolver governos, partidos políticos, diretorias de sindicatos, atuação de Deputados, essa não é a função nossa. Nós entendemos que independente de ser seriado ou ciclo, o importante é que tudo isto é a aprendizagem.

Será que esses alunos estão aprendendo? Vocês vão falar com um professor de trinta e quatro anos de sala de aula, que não usa *slides*, não usa retroprojektor, nada; eu sou professor de quadro negro e giz; tenho trinta e quatro anos de chão de sala de aula; e no meu tempo não existia sala de aula com ar-condicionado como tem hoje.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

Lecionei como professor interino em 1981 e como professor concursado, da rede estadual, durante quatro anos, de 1983 a 1987. Fui para a área privada, lecionei no ginásio as disciplinas de matemática e educação física; lecionei no segundo grau técnicas em Secretariado e matemática; e me consolidei como professor de segundo grau de cursinho preparatório para exames vestibulares, na cadeira de história.

Eu tenho trinta e quatro anos de cátedra; trinta e quatro anos lecionando, e leciono até hoje. Então, vocês vão conversar com quem é de chão de sala de aula, de fazer diário de classe, preparar aula, com formação em licenciatura em Ciências. E na minha concepção o que interessa é a aprendizagem.

Com os ventos da redemocratização no Brasil, no final dos anos 70, a educação veio junto, influenciada por ideias de pensadores, especialmente franceses, que implantaram os ciclos na França em 1943, Piaget, Wallon e outros. Iniciou-se a implantação dos ciclos no Brasil, em Cuiabá chegou em 1998 e no Estado, no início do ano 2000.

Nós trouxemos aqui uma professora das mais experimentadas, que vai falar para vocês e ninguém tem obrigação de concordar com ela, pelo contrário, nós queremos o debate, o enfrentamento das ideias, para que a Assembleia Legislativa possa colher subsídios positivos, para em julho apresentarmos a sociedade estadual, um relatório sobre a qualidade da educação pública no Estado de Mato Grosso.

Se as nossas crianças estão aprendendo abaixo da média nacional, se estamos na média, se estamos piores do que a média, se o caminho é escola ciclada, se é mantê-la, se está ótima, se não precisa de aperfeiçoamento, se o Estado tem cumprido com o seu papel, se o caminho é voltar à escola seriada, é o que Cáceres pratica até hoje.

Então, nós não viemos aqui trazer um prato feito, um PF. Nós não viemos aqui pedir votos, nós não viemos aqui fazer propaganda partidária desta ou daquela agremiação. Nós viemos aqui nesta tarde – eu agradeço demais ao Prefeito, que só ele e os Prefeitos de Tangará da Serra e de Alta Floresta participaram da Audiência Pública, e eu sei o que é uma agenda de um Prefeito, ainda mais sexta-feira à tarde, que a agenda de sexta-feira é sexta, sábado e domingo, para preparar as pauladas para segunda-feira cedo; eu sei... Então, na hora em que Vossa Excelência precisar se retirar para cumprir a sua agenda externa, está à vontade.

Nós queremos aqui participação, que vocês falem. Quem não quiser, se for tímido em usar o microfone, pode escrever que nós faremos a pergunta por inscrito, e principalmente os alunos. Tem algum aluno da rede estadual, ciclada? Nós queremos ouvir vocês. O que vocês estão achando do ensino ciclado, do Ciclo de Formação Humana na rede estadual, principalmente vocês, nós queremos ouvi-los nesta tarde.

Eu quero agora passar a palavra à professora Regina Borges, para que ela possa usar o tempo de 40 minutos, podendo exceder um pouquinho, para falar sobre o Ciclo de Formação Humana; e, em seguida, nós já abriremos para a plateia, ela fará as perguntas antes da mesa. Depois concederemos a palavra à mesa.

Nós queremos ouvir vocês, professores, professoras, demais profissionais da educação pública de Cáceres e da rede estadual também, o pessoal do CEFAPRO, que é fundamental a presença aqui, e o pessoal também da UNEMAT.

Com a palavra, a professora Regina Lúcia Borges Araújo.

A SR^a REGINA LÚCIA BORGES ARAÚJO – Boa tarde a todos!

É um prazer muito grande estar aqui com vocês hoje. Agradeço a oportunidade, em primeiro lugar, a Deus, e também ao Deputado Wilson Santos pelo convite.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

Afinal de contas, já são 44 anos e meio como educadora no Estado de Mato Grosso e, nesse tempo, tive a oportunidade, ao mesmo tempo, de estar na sala de aula e ser técnica na Secretaria. Eu lecionava na sala de aula, por isso que a garganta acabou, e trabalhava como técnica na Secretaria, e isso fez a diferença para mim. É como o Deputado Wilson Santos disse: quem está no chão da escola é outra coisa.

E na Secretaria de Educação fui por muitos anos designada para trabalhar com a grande Cáceres, que nem tinha todos esses municípios, como tem agora. Então, estou muito feliz por estar aqui.

Agradeço ao Deputado Wilson Santos pelo convite, também temos as presenças do Deputado Dr. Leonardo, do Senhor Prefeito, dos senhores Vereadores, dos Professores e do Conselheiro Alfredo – em seu nome cumprimento a todos os educadores da SEDUC –, da Professora Zilda, nossa colega, amiga e nossa ex-Deputada; da Professora Rinalda, da UNEMAT; dos Secretários Municipais de Educação; do meu companheiro Laércio – cadê você, Laércio? Fica aqui comigo, não me deixe sozinha, vem cá!... O meu companheiro Laércio é o vice-presidente da União Nacional dos Conselhos Municipais de Educação (UNCME) no Estado de Mato Grosso. Também gostaria de cumprimentar todos os Professores na pessoa da Nina, minha colega e companheira de muitos anos no Conselho, nós trabalhamos muito juntas, é muito querida.

Aqui é a terra que o meu sogro e minha sogra escolheram para viver. Aqui tem, também, uma professora que é minha cunhada, a Olga Maria Castrillon Mendes Araújo, que agora irá para a Academia Mato-grossense de Letras – no dia 29, parece-me, será o ingresso dela na Academia, uma professora extremamente conceituada.

Bom, gente, esta sou eu. Até já me falaram: “Regina, você é Conselho”, está escrito aqui. Nós temos algumas funções hoje, mas eu acho que é pela experiência de vida. O que quer dizer conselheiro? Trabalhar com aconselhamento, buscar na vivência o que nós temos de melhor para a educação no Estado de Mato Grosso. E nesses 44 anos de serviço público, a minha experiência foi na SEDUC, na escola e dentro da própria Secretaria, com 27 anos e meio.

Depois, no Conselho Estadual de Educação, presidi por diversas vezes, inclusive, na Câmara de Educação Superior e Profissional e a Educação Básica. Estou de volta no Conselho Estadual de Educação e presido a Câmara de Educação Básica, em que deveremos normatizar todas essas ações que estão sendo discutidas em cada município do Estado de Mato Grosso, por intermédio dos polos, pelo Deputado Wilson Santos.

Como coordenadora da UNCME, nós vamos trabalhar isso com todos os municípios, com os conselhos municipais do Estado de Mato Grosso. Falar do Ciclo de Formação Humana, o nome é lindo, Ciclo de Formação Humana, mas como está isso? O que é isso? O que nós estamos pensando para a educação, não só no Estado de Mato Grosso, como para a educação em nosso país; e, para isso, nós vamos começar com a Constituição do Estado de Mato Grosso. Alguém que possa ir passando as apresentações para mim?
(A PALESTRANTE INICIA A APRESENTAÇÃO DE QUADRO SINÓPTICO DOS TEMAS A SEREM TRATADOS, POR MEIO DE DATA-SHOW.)

Nós trazemos algumas contribuições, a fim de refletimos, além da superação da dicotomia ciclo e seriação. Por quê? Porque nós temos que ter o foco. Foco em quê? Na aprendizagem.

Nós podemos aprender muito bem por intermédio da seriação, mas nós podemos aprender muito bem, também, por intermédio do ciclo. Então, o que é importante? O

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

importante dentro do pedagógico e dentro da escola, porque a escola tem que ser essencialmente pedagógica, a escola não pode ser administrativa, a gestão tem que ser para quê? Para fazer funcionar o pedagógico, então, o foco nosso é a essência do fazer pedagógico, dentro da escola, é aprendizagem, não é o ensino, porque eu como professora posso dizer: eu ensinei e vocês não aprenderam; então, eu não ensinei.

O foco nosso é aprendizagem. Na maioria das vezes nós falamos ensino e aprendizagem, porque nós não falamos aprendizagem e ensino. O aprender é essência, a escola existe porque existe aluno, e o aluno está ali com um objetivo. Qual é o objetivo pelo qual ele chegou à escola?

O que diz a Constituição Federal em termos de educação? “A educação é direito de todos”. Então, vamos pensar em educação enquanto direito. Se nós pensamos educação enquanto direito, nós podemos muito bem focar nas questões da aprendizagem. Nesse sentido, nós temos que pensar que o aluno... Nós temos que trabalhar para que ele se desenvolva como pessoa, prepará-lo para ser um cidadão e qualificá-lo também para o trabalho. É isso que diz a nossa Constituição, ela é clara nesse sentido, esse é o fundamental para as questões de uma unidade educacional.

Na LDB essa organização pode ser feita de diversas formas, mas na LDB, também, não diz que compete ao Secretário ou à Secretária ou ao gestor da educação definir como aquela escola deve ser, isso compete à unidade escolar. Nós podemos ter políticas públicas que definam os encaminhamentos, e os encaminhamentos têm que colocar como prioridade a aprendizagem. Então, na LDB já fala que nós podemos nos organizar de forma seriada, em períodos, semestres, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar. Portanto, a LDB deixa-nos livres, desde que nós façamos, como profissionais da educação, o aluno o quê? Aprender. Então, o foco é aprendizagem, a própria LDB é clara nesse sentido.

Ao propor políticas públicas nesta área é simples ou é complexo? Agora, vou começar a dar a minha opinião, é muito complexo, não é uma questão de opção. Então, quando nós colocamos que a complexidade do assunto não pode nos remeter, simplesmente, à dualidade seriação ou ciclo, é porque estas ações perpassam muito além do que nós estamos colocando para cada um dos senhores.

Nós temos que saber o que é cada um, nós temos que saber se cada um foi bem implantado, nós temos que saber em que época vivemos. Que escola nós temos hoje? É a mesma escola que meus pais estudaram? É a mesma escola que eu estudei?

Eu fui alfabetizada com cinco anos de idade, não sou QI mais elevado do que ninguém. Simplesmente, eu tinha na minha casa avô, convivência muito grande com avó e madrinha, professores. Na minha casa se lia muito, se lia e se lia; e eu aprendi sozinha, porque eu via todo mundo lendo e eu queria ler.

Na época, podia ter o primeiro ano “A”, “B” e “C”, certo? Então, eu fui matriculada no “A”, em um mês eu estava no “C”, não porque eu era melhor do que ninguém, porque na minha casa se fazia educação e se tratava de educação e se vivia educação.

Nesse sentido, nós temos que pensar, qual é o foco que nós queremos? Porque ele é muito mais profundo do que, simplesmente, uma opção por uma organização pedagógica.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

Nós temos que pensar nos reais limites e possibilidades que nós temos, que cada unidade tem; que nós, enquanto, Secretaria Municipal de Educação temos; que nós, enquanto, Assessoria Pedagógica, temos; que nós, enquanto unidade educacional, temos.

Qual é o projeto de Educação que entendemos como melhor? Gente, esse é o foco! Qual é o nosso projeto de educação? E nele, nesse projeto, qual é o processo de avaliação que desenvolvemos e que queremos? E a formação que temos e na qual fomos formados?

Será que se eu não receber a capacitação devida, eu vou saber trabalhar com Ciclo de Formação Humana? Eu estudei no regime seriado, eu fui formada no regime seriado, os meus professores me ensinaram a trabalhar na escola tradicional, e eu trabalhei no início da minha carreira – com dezesseis anos de idade eu era professora de alfabetização, eu já tinha terminado o normal, e tive a oportunidade, apenas, de saber trabalhar no modelo no qual eu conhecia, no qual eu fui formada, no qual eu vivi. E fui escolhida, inclusive, para ir para a SEDUC, porque naquela época precisava escolher os quatro melhores professores alfabetizadores, nós íamos ter um contrato técnico e eu fui selecionada, fui a segunda selecionada para poder ir para a SEDUC. Por quê? Porque eu sabia o fazer da escola para aquela época.

É a formação que temos, na qual fomos formados. E neste contexto, que concepção de educação pública nós queremos para o Estado de Mato Grosso? Penso que essa deva ser a nossa tônica.

Nessa redução, nós não podemos entender os processos de escolarização apenas como ciclo e seriação, mas devemos entender como não lineares e como produto cultural e social, até mesmo econômico e político de cada época.

Houve momentos em que nós educadores nos formávamos para uma economia de mercado de trabalho. Nós trabalhávamos no sentido de que essa política econômica excludente era o melhor para cada um de nós, e eu fiz parte desse processo, sem essa visão política.

E a escola seriada? Como ela é considerada, hoje, pela maioria dos autores? Parte de uma lógica de organização do tempo e do espaço da sala de aula adequada ao contexto daquela época. Isso aqui não é Regina que está dizendo, tem toda uma bibliografia em que nós nos fundamentamos para trazer para os senhores.

O processo de industrialização fazia com que os colégios... Lembram-se de que nós tínhamos muitos colégios? Talvez alguns de vocês, não; mas aí nós vamos aos anos 60 anos, e nesses 60 anos nos lembramos dos colégios com a sua função social voltada para certificação dos estudantes, visando o ingresso no mercado de trabalho. Não era mundo de trabalho, era mercado mesmo. Preparava os estudantes num tempo adequado para ingresso no mercado e também para a aprendizagem da disciplina e da ordem.

Qual era a concepção da organização seriada? Aquisição dos conhecimentos historicamente acumulados, concebidos como sequenciais e, muitas vezes, não articulados. Os programas são desenvolvidos em forma de planos de curso e de aula a serem lecionados individualmente pelos professores, durante o ano letivo.

Em relação aos agrupamentos dos alunos nessa forma, os alunos são agrupados em séries, geralmente anuais, segundo o seu nível de domínio e dos conhecimentos dos conteúdos escolares. E assim eu estudei, os meus pais estudaram, alguns de nós estudamos, e ainda estudamos até a data de hoje.

E avaliação? A avaliação da seriação era dessa forma, de modo que os que não lograram êxito nas avaliações, ficavam retidos e deveriam repetir as séries e os conteúdos já cursados.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

O que me magoava muito era eu, muitas vezes, na minha disciplina, naquilo que eu trabalhava, o aluno que foi bem, mas que não foi bem numa outra, ficava reprovado, tendo que repetir tudo de novo.

E o que dizem os estudiosos sobre esse assunto? Sobre essa organização por série, os estudiosos apontam como uma organização excludente, devido aos altos índices de repetência. Os dados estão aí, basta buscá-los na *internet*, têm os dados cumulativos.

A consequência gera graves danos à autoestima do aluno, acarretando a discriminação, provoca trajetórias acidentadas e descontínuas e até exclusão definitiva do aluno do processo de escolarização.

Eu ia à casa dos alunos que foram reprovados e não voltaram. Na minha formação, à época, eu fiz Pedagogia, mas eu fiz licenciatura em docência, em administração, em supervisão, em orientação educacional, e fui voltando para a universidade; eu não terminei a inspeção, porque foi no período da divisão do Estado – eu morei em Mato Grosso do Sul e, naquele mês, as pessoas tinham que optar em voltar para cá ou não, e o meu marido tinha sido convidado para implantar o sistema da Secretaria da Fazenda em Mato Grosso do Sul, então, a minha opção foi voltar para a minha terra, e não tive oportunidade de concluir a inspeção. Mas a minha paixão é supervisão e orientação educacional.

Por quê? Porque é currículo. E a orientação? Alunos. Então, eu corria atrás de quem ficasse para trás, e eles não queriam voltar com receio de serem massacrados. Naquela época nós não falávamos *bullying*, mas na verdade acontecia.

Essa repetência evidenciava baixa qualidade de ensino e elevava as taxas de distorção idade e série. Lembro-me desses anos, Professora Rosa Maria Persona, da Universidade Federal de Mato Grosso, eu e mais duas colegas escrevemos um projeto e o MEC aprovou, que eram classes de aceleração, para que as crianças não ficassem muito fora da faixa etária, da qual eu trabalhava. Esse projeto foi aprovado aqui em Cáceres e eu o acompanhei aqui em Cáceres, como aconteceu nas grandes regiões do Estado de Mato Grosso, que era, justamente, para diminuirmos essa distorção idade-série.

Em relação ao financiamento, à medida que ele fica retido, elevam-se muito os gastos públicos e se penaliza principalmente quem? Os alunos de nível de renda mais baixa, que acabam por abandonar as escolas após as reprovações.

Nesse meu histórico de vida, eu fui convidada, um tempo atrás, a trabalhar numa fundação chamada Fundação Nova Chance, na qual era responsável e coordenava a educação nos presídios, as políticas públicas da educação nos presídios, e uma das primeiras ações que nós fizemos, foi conversar com o Secretário, à época era o Deputado Ságuas Moraes, no sentido de que ele pudesse criar uma escola que estabelecesse a política pública para tirar os excluídos desse contexto.

Por quê? Porque quando fomos analisar os dados, gente, 70% não tinham o ensino fundamental, não preciso nem dizer da cor e outras situações mais. E aí percebemos o nível de exclusão que eles viveram e vivem.

Então, a falta de oportunidade, aliada a outras situações mais, levam as pessoas a não terem perspectiva de vida. E nessa época – e o projeto fui eu que escrevi, Deputado – foi criada a Fundação Nova Chance, que é a oportunidade para que as pessoas possam se capacitar, possam se formar e possam ter outra qualidade de vida. Não digo que nós vamos conseguir fazer isso com todos, seria ótimo se conseguíssemos, mas, se nós conseguirmos recuperar uma dúzia

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

dos que estão nos presídios, certamente, esses vão nos ajudar a que outros não participem mais dessa história.

A realidade posta e esses estudos nos levam a pensar a lógica excludente da escola seriada.

“A professora Regina é contra a escola seriada”... Não é disso que eu estou falando, eu estou falando do que os estudos apontam. Vantagens têm, porque senão eu não estaria aqui. O Deputado Wilson Santos, o Deputado Dr. Leonardo e o Prefeito não seriam essas autoridades que são. Nós viemos dela. Então, os estudos teóricos apontados por essas pessoas dizem muito isso.

E *Perrenoud*? Ele já pensa a questão da organização em ciclos, em que os alunos são agrupados em faixas ou etapas, de forma a facilitar o seu processo de formação e desenvolvimento.

E quando nós falamos deste processo de formação e desenvolvimento, é para nós professores também.

Nós estávamos com a Rinalda, participamos de uma comissão, a Secretaria de Estado de Educação organizou uma comissão para tratar dessa questão que o Deputado está tratando aqui hoje, cujos elementos fundamentais vão ser, justamente, originados dessas Audiências Públicas, para que nós pensemos que modelo organizacional que o Estado de Mato Grosso, enquanto política pública deva contemplar. As duas? Uma só? Não sabemos. Isso vai ser construído por cada um dos senhores que são protagonistas desse processo.

Por isso, a necessidade da participação e por isso eu fui convidada para ser a instigadora de algumas situações que vocês possam colocar, talvez até com muito mais propriedade do que eu aqui.

O Município de Cáceres mexe muito comigo e isso me torna emocionalmente vinculada. Eu tive a oportunidade, junto com o Professor Maldonado, a Professora Ana Luiza de Figueiredo e o Professor Adonias, de escrever o Projeto da Universidade Estadual de Mato Grosso, está publicado, tem até nos Anais também da própria Universidade, foi formada uma comissão, e eu fui convidada a participar justamente no foco de formação de professores que nós trabalhávamos na área.

Quando nós falamos disso, não podemos deixar de incluir a UNEMAT, não deixar, de jeito nenhum, a UNEMAT de fora. Para Mato Grosso, Professora, não, a UNEMAT só para Cáceres, e sim UNEMAT para Mato Grosso. Ela foi criada com um propósito, basta ler a mensagem, formação dos professores, não significando com isso que ela não pudesse expandir o horizonte dela.

A UNEMAT é fundamental para pensar essas concepções, esses autores discutirem, mas principalmente nos formar, porque a realidade que nós temos hoje não é mais a realidade de quando a Regina tinha cinco anos de idade e que foi alfabetizada dentro de casa, num contexto normal.

A minha mãe foi estudar no Rio de Janeiro. Por que era rica? Não, classe média, mas muito estudiosa! Então, os professores diziam para ela: “você tem que ir para a frente”, e ela se formou em quê? Para aquela época, Contabilidade. E foi a primeira contadora da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, da primeira Legislatura. Já é falecida, mas trabalhou na primeira Legislatura. Imaginem o quanto ela não gostava que nos envolvêssemos com os livros!... E o avô professor - ele morava conosco. Era um contexto de uma Cuiabá que nós chegávamos em casa em cinco minutos, mesmo quem trabalhava fora.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

Qual é a realidade que nós temos hoje? Que contexto nós estamos vivendo hoje? Na minha época, não tinha o que nós chamamos de merenda escolar, não tinha ônibus de transporte. Havia os alunos que podiam ir para a escola, os que podiam entrar na escola. E hoje?

Assim, em seus estudos, *Perrenoud* e outros autores nos apontam diversos tipos de ciclos. O ciclo de estudos, que está posto aqui, o que é? A repetência de uma etapa, nesse é possível.

Ciclos de aprendizagem: eles possuem as mesmas características de ciclo de estudo, mas não há repetência no interior dos ciclos, exceto em seu último ano.

Ciclos plurianuais: há uma profunda mudança de organização do currículo do trabalho escolar na sua prática, e uma predominância das orientações construtivistas em relação aos processos de aprendizagem, surgindo aí uma nova concepção para a utilização dos tempos e dos espaços escolares, dos saberes, do sistema de avaliação, das metodologias de trabalho, da didática, com relação às competências necessárias para a criação de uma escola inclusiva e democrática.

A Professora Andréa Krug aponta outros conceitos de ciclo, além de outros autores, como têm ali embaixo...

O ciclo de alfabetização, que eles iniciaram na década de 80, em que a proposta no período inicial do ensino fundamental, entendido como período de aprender a ler e a escrever, é que não há reprovação escolar. Entendimento de que a repetição da rotina de trabalho na primeira série escolar seria desnecessária e nociva aos alunos que já cursaram esse ano, mesmo que ele ainda não tenha aprendido a ler e escrever como esperado.

Ciclos básicos de alfabetização, que propõem a promoção continuada durante os primeiros dois anos de escolaridade, período em que a criança deveria ser atendida, considerando as suas necessidades específicas de mediação no processo de alfabetização.

Ciclos de aprendizagem – meados da década de 90 – têm uma proposta que prevê a revisão curricular no ensino fundamental acompanhada de extensão do tempo, para que os alunos possam adquirir os conhecimentos previstos pela escola. Há manutenção de certa referência aos conteúdos da série. Um exemplo disso são os Parâmetros Curriculares Nacionais, que estão estabelecidos em ciclos. Então, as regras nacionais estão estabelecidas em ciclos.

Neste momento, eu queria apenas chamar a atenção de vocês – não tem a ver diretamente com o que estamos discutindo –, o Ministério da Educação está reescrevendo essas diretrizes nacionais frente à base comum nacional. No mês de junho, provavelmente, há uma previsibilidade, vão ter audiências públicas e outras formas de conhecimento público, para nós opinarmos. A partir daí, será estabelecida uma regra para o Brasil. Então, não adianta só participarmos das audiências aqui em Mato Grosso, nós temos que avançar mais. Nós temos que buscar essa participação nacional, para que consigamos discutir com propriedade e, lá, apontar aquilo que nós gostaríamos que fosse para o Brasil. É a base curricular nacional, vai acontecer agora.

Ciclos de formação humana: chegamos nele... Final dos anos 90 até hoje, proposta de enturmação escolar em que não mais se agrupam os alunos de acordo com um pretenso conhecimento anterior adquirido.

A enturmação escolar segue o critério de aproximação das idades dos alunos, considerando como referência as potencialidades e características que o aluno apresenta em diferentes fases de sua vida. E aí vem a infância, a pré-adolescência, a adolescência e depois, também, a questão da idade adulta, mas o ciclo na enturmação está voltado para essas três fases.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

Na configuração atual, as escolas organizadas em ciclos conjugam lógicas de funcionamento, de práticas e concepções de seus agentes – vejam bem, dos seus agentes –, que operam tanto em uma racionalidade coerente com as premissas de uma escola seriada, quanto com as premissas de uma proposta de escola organizada em ciclos.

As considerações finais: apontamos para a necessidade urgente de superação da discussão isolada – não vamos nos prender, apenas, se é ciclo ou se é seriação, o nome não importa muito, importa que ali tenha os nossos alunos, importa que eles aprendam, importa que a escola atenda à necessidade da realidade que nos vivemos hoje; importa que a escola busque formas de organização para atingir os objetivos aos quais se propõe.

E ainda sobre a responsabilização do fracasso escolar: ora os alunos e suas famílias, ora a escola e os professores... Agora, nós somos responsáveis pelo fracasso? E os alunos também? Bem, como atribuir a sua solução somente a mudanças pontuais no sistema de avaliação...

“Ah, é apenas porque reprova e não reprova”. Tem toda uma concepção, tem toda uma organização, tem toda uma complexidade por trás de cada uma dessas nossas opções.

Vale ressaltar também a dicotomia estabelecida entre o discurso da qualidade de ensino da escola seriada ou a negação de aprendizagem no ciclo, mas devemos ter respeito pela cultura, pela diversidade dos alunos e outras. Pensar no acesso, permanência e sucesso de todos, em uma escola de qualidade para todos.

Urge repensar uma escola que, considerando sua necessidade local e global, deva considerar, também, toda a complexidade de ensinar e aprender, frente a um tempo de intensas mudanças nas relações de trabalho, nas relações entre os sujeitos do mundo entre si, com o tempo, com espaço e com seus contextos de aprendizagem.

Assim, a qualidade da educação não passa apenas pela opção de séries ou ciclos, mas de uma dinâmica que considere todo o contexto, especialmente um projeto de educação no qual alunos e professores sejam os principais protagonistas – sempre em primeiro lugar os alunos. Nós professores existimos porque eles existem, a escola existe porque o aluno se faz presente aqui. Na medida em que os excluímos, não há necessidade de escola; na medida em que nós não permitimos que com o nosso ensino eles aprendam, não há necessidade desse ensino que nós sabemos fazer, mas podemos fazer melhor. Ao mesmo tempo nós somos responsáveis por toda a política de exclusão e de dificuldade que existe para que nós nos encontremos, muitas vezes, com situações difíceis de serem entendidas, inclusive com dados numéricos, colocando o Estado de Mato Grosso numa situação difícil.

É nossa responsabilidade, enquanto educadores, fazer valer os espaços de participação e contribuir na proposição e formulação de políticas e ações educacionais no nível mais amplo, mais macro. Que nós não pensemos só no nosso umbigo, que nós avancemos um pouquinho mais. Estou construindo a base comum nacional, é macro, pensemos nisso.

E também, no âmbito do interior da escola, discutir de forma participativa, a fim de apresentar propostas do ponto de vista das práticas de ensino, envolvendo o planejamento das ações dos professores quanto à organização curricular, enquanto didática, a avaliação e outros, voltados à sua realidade.

As referências bibliográficas utilizadas, que tem algumas coisas bem conceituais e o que é meu, é o que eu penso, e o que eu dei do meu depoimento para vocês.

O nosso muito obrigado!

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

Faltando um minuto para o horário que me foi dado, aqui vocês têm os nossos contatos para qualquer opinião, qualquer situação que vocês queiram. Também quero me colocar como um membro da comissão.

Rinalda, por favor, se aproxime. Cáceres também tem o privilégio de ter a professora Rinalda na comissão que está discutindo justamente essa questão da organização curricular, e de maneira geral pensamos igual. Já tivemos o nosso primeiro momento de tratar sobre isso e queremos, então, dizer para vocês que nós estamos abertos para todas as sugestões que tiverem. O que nós queremos é que, realmente, Mato Grosso tenha uma escola de qualidade, independente de IDEB, do que for que quiserem falar.

Nós temos a clareza, a firmeza e a convicção de que nós conseguimos fazer o melhor pela Escola Pública no Estado de Mato Grosso.

Muito obrigada, Deputado Wilson Santos, pela oportunidade. Muito obrigada, Senhores, por me aturarem, me ouvirem, mas foi um prazer muito grande estar aqui com vocês hoje. (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) – Nós é que agradecemos à Professora Regina e a convidamos para permanecer conosco à mesa, recompor a mesa. Todos que estavam aqui, por favor, retornem à base para que nós possamos esquentar este debate.

Quero registrar e agradecer as presenças do Sr. Carlos Alberto Nunes da Cruz, presidente do SINTEP de Mirassol d'Oeste; da Sra. Nelci Eliete Longhi, Secretária Municipal de Esportes, Cultura e Lazer de Cáceres; do Sr. Júlio César Borges, presidente do Conselho de Desenvolvimento da Região de Cáceres (CODERC); do Sr. Ismar Júnior, Assessor Parlamentar, neste ato representando a Vereadora da Câmara Municipal de Cáceres Valdeniria Dutra; da Sra. Vandilma Maria Teófilo, Assessora Pedagógica de Mirassol d'Oeste.

Também estão presentes os representantes do Centro Educacional Jovens e Adultos Professor Milton Marques Curvo, aqui de Cáceres; da Escola Estadual União e Força de Cáceres; da Escola Estadual Senador Mário Motta, da Escola Municipal Professor Eduardo Lindoti, da Escola Municipal Vitória Régia, da Escola Municipal São Francisco, do pessoal da Escola Municipal Vila Irene, da Escola Estadual Padre José de Anchieta de Mirassol d'Oeste e da Escola Estadual João de Campos Vidal, Distrito Sonho Azul, Cáceres.

Feitos os registros, eu passo a palavra ao Professor Régis Aparecido Oliveira, do CEFAPRO, é o primeiro inscrito, e depois Ana Antônia Neves, Professora da Escola Estadual Rodrigues Fontes; Professor Carlos Alberto Amado, presidente do SINTEP de Mirassol d'Oeste; Professora Renilda Batista Lamon e Dimas Santana Souza Neves da UNEMAT.

São os cinco primeiros inscritos, cada um tem, em média, três minutos – não vamos ser tão rigorosos. Nossa intenção é terminar esta Audiência Pública por volta das 17h30min, então, nós temos algo em torno de duas horas para os debates, para os questionamentos, que é a parte mais importante da Audiência Pública. Depois que esses cinco anunciados falarem, nós vamos ouvir algumas pessoas da mesa.

Quero de novo registrar as presenças de dois representantes da SEDUC. Está aqui o Alfredo Tomoo Ojima – por favor, Alfredo, levante o braço –, que é assessor de gabinete do Secretário Permínio Pinto Filho, e o Edinho Gomes, que é o Coordenador de Formação e Capacitação de Professores e de Gestores Escolares. Então, os dois estão aqui em nome da SEDUC, para responderem questionamentos.

Com a palavra, o professor Régis Aparecido de Oliveira.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

O SR. RÉGIS APARECIDO DE OLIVEIRA – Boa tarde aos componentes da mesa, e em nome da professora Luciane eu gostaria de cumprimentar a todos os presentes.

Nós elaboramos um documento e, com a permissão e paciência de todos, eu devo ultrapassar, um pouquinho, os três minutos.

“Carta aberta à sociedade, equipe do CEFAPRO de Cáceres, 08 de maio de 2015.

Em pauta, mais uma vez, está a discussão acerca da viabilidade do Ciclo de Formação Humana na rede pública do Estado de Mato Grosso. Já se vão 15 anos de sua implantação e, se olharmos cuidadosamente, este deveria ser um debate ultrapassado, mas não é.

Depois de tantos anos, ainda precisamos nos mobilizar para convencer a sociedade de que a organização das escolas em ciclos deveria representar um avanço, rumo à tão sonhada qualidade social da educação.

E é legítima a preocupação da sociedade com a melhoria da qualidade da educação pública.

Desde a promulgação da Lei de Diretrizes Básicas da Educação Nacional, temos trabalhado, incansavelmente, pela democratização da educação, que é um dever imperativo do Estado.

A democratização deve ocorrer a partir da garantia de direitos inalienáveis do cidadão, a universalização do acesso à educação, a garantia da permanência, da terminalidade dos estudos na idade adequada e a garantia de um ensino de qualidade para todos.

Na rede pública estadual do Estado de Mato Grosso temos avançado, significativamente, em relação ao acesso, à permanência e à terminalidade. Entretanto, a qualidade é um aspecto que encontramos muita dificuldade em avançar. Isso tem preocupado situações inaceitáveis na trajetória educacional dos estudantes e no limite à culpabilização do Ciclo de Formação Humana, por este problema tem sido corriqueira na continuidade educacional.

Diante disso, é de vital importância nós analisarmos a conjuntura em que ocorreu todo o processo de implantação da política pública que norteou o ensino fundamental nesta rede.

Para tanto, entendemos que seja primordial uma avaliação da política, para termos condições de analisarmos dados concretos que esclareçam as reais dificuldades encontradas no cotidiano das escolas e, principalmente, os avanços ocorridos deste então. Essa seria uma perspectiva interessante de análise, pensar as dificuldades do Ciclo de Formação Humana a partir dos seus avanços.

Esclarecemos, aqui, que ao falar em avaliação não estamos nos referindo a testes padronizados e em larga escala, mas a uma avaliação minuciosamente planejada, qualificada, a fim de levantarmos um diagnóstico da realidade vivida pelos profissionais da educação, pelos alunos e suas famílias.

Somos sabedores de que entraves de diferentes tipos existem e causam problemas no funcionamento das escolas do ensino fundamental de nosso Estado. Sendo assim, não nos furtamos a falar sobre eles, mas também entendemos ser necessário voltar os avanços conquistados historicamente, com vistas a não perdermos as perspectivas do que realmente importa: a qualidade da educação que oferecemos aos nossos estudantes.

Podemos analisar tais entraves a partir de reducionismo, provenientes de questões que são percebidas no discurso de gestores, professores, famílias, alunos e da sociedade em geral. Um discurso, muitas vezes, disseminado na maneira irresponsável, por quem não tem a

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

devida clareza do que se trata ser uma escola, verdadeiramente, organizada em ciclos de formação humana.

Nos limites deste texto, podemos argumentar sobre algumas falas que são mais recorrentes sem, contudo, fazermos o aprofundamento que o tema merece. Vejamos: o problema se resume a um embate entre ciclos e seriação? A questão que se impõe, aqui, é um confronto de lógicas, é mais uma questão de visão de mundo, sociedade, educação, homem.

Contrapor ciclos e séries demonstra concepção do processo de ensino-aprendizagem que subsidia a prática pedagógica, é o confronto entre uma lógica que vê o aluno como ser social, singular, que tem ritmo, tempo e forma de aprendizagem específica e outra lógica que acredita que a escola é capaz de ensinar tudo e a todos da mesma maneira e ao mesmo tempo, que seria o uso do princípio da equidade de uma maneira equivocada.

É uma questão de concepção de escola, tanto a seriação quanto o ciclo, não pode ser responsabilizado, integralmente, pelo sucesso ou fracasso dos estudantes, ambos os sistemas podem garantir a educação de qualidade e, igualmente, podem ter graves problemas. Mas, reafirmamos, é a concepção de escola que faz a diferença.

Que escola queremos? Para quem é a escola que queremos?

Bourdieu nos explica que os estudantes, ainda que sejam provenientes de uma mesma comunidade, não entram no sistema escolar em situação de igualdade. Para além das diferenças individuais, o capital social e o capital cultural são influentes no desenvolvimento educacional, ignorar esses aspectos, nos leva a incorrer no risco de supervalorização da meritocracia na escola, na qual vence quem se esforça mais.

É a inclusão da competitividade como base de motivação dos alunos o que acaba por vitimizar os que já são marginalizados pela própria organização da sociedade. Esta visão se reforça com discursos de que o ciclo premia o aluno que não se dedica e isso desestimula os demais, quando na verdade com o Ciclo de Formação Humana os estudantes que em um sistema seriado estaria abandonando a escola, deve ter mais tempo para desenvolver seu processo de aprendizagem.

O que não podemos perder de vista é que, institucionalmente, os ciclos não têm conseguido avançar os objetivos para os quais foram implantados. Apesar de termos uma proposta teórico-metodológica curricular consistente, o poder público não cumpriu com as condições que seríamos imprescindíveis para o bom funcionamento da proposta. (PALMAS)

Por exemplo: as turmas de superação que nunca funcionaram adequadamente, as equipes multidisciplinares que nunca existiram nas salas, as condições concretas para ressignificar o tempo e o espaço escolar que nunca foram garantidos pela Secretaria de Educação, as lacunas na formação dos professores, a descontinuidade da avaliação da política, dentre outras. (PALMAS)

O problema do ciclo é que não há reprovação, ou é culpa do ciclo o aluno passar sem saber nada? A qualidade do ensino oferecido pelas escolas merece um olhar atento, pois com a reprovação abolida e a avaliação vista como uma função que não mais classifica para excluir, corremos o risco de ver os alunos sendo promovidos de um ciclo para outro sem terem o acesso adequado ao conhecimento.

Esta representa uma grande lacuna na formação dos professores para atuarem no Ciclo de Formação Humana, a centralidade da avaliação.

Criou-se a impressão de que avaliação deixou de existir por não haver reprovação, os alunos vão sendo mantidos dentro da escola, porque não mais podem deixá-los de

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

fora, mas são fortes candidatos a serem excluídos ao final do ensino fundamental ou médio, apesar de terem um diploma na mão.

De acordo com Bourdieu, essa é a exclusão branda. Esses alunos, no sistema seriado, abandonariam a escola? São mantidos em seu interior, mesmo com defasagem na aprendizagem, mas serão excluídos pela sociedade, por não terem as habilidades esperadas por ela.

Na verdade, numa escola que não reprova é necessário avaliar o aluno cada vez mais e, sempre, de forma sistematizada. Entretanto, o que observamos é que não pode reprovar a profissionais que deixam de avaliar e até mesmo de ensinar.

De acordo com Souza e Alvarez, ocorre assim: a desresponsabilização docente decorre da desresponsabilização institucional.

É fato que a primeira formação oferecida pela SEDUC, via CEFAPRO, não deu conta de preparar os professores para as grandes mudanças que ocorreriam, a partir da implantação da então chamada escola ciclada no Estado de Mato Grosso, em 2000. Deixando de lado qualquer intenção de culpabilização de pessoas ou instância, entendemos que a formação continuada que ocorre nas escolas deveria ser o espaço para a continuidade dos estudos e aprofundamento do conhecimento sobre o ciclo.

Sabemos ser natural que se desenvolva nos profissionais uma resistência a políticas governamentais que são implantadas de cima para baixo. Esta resistência pode acarretar um posicionamento da negação da proposta, ao ponto de determinados profissionais sequer se dedicarem a conhecer aos fundamentos da mesma. Este entrave acaba por comprometer o fortalecimento coletivo da escola que se organiza em ciclos.

A relação entre escola e sociedade, permeada por conflitos diversos historicamente, foi gerando a cultura de que a função da escola é preparar os indivíduos para o mundo do trabalho e que isso deve ser feito separando o bom do ruim.

Neste contexto, a seleção por meio de provas e exames seria a maneira de legitimar a classificação feita na escola, estabelecendo perversamente modelos seletivos, opressivos e excludentes que não são aceitos pelos alunos que já têm incorporada a cultura escolar que reproduz, ano após ano, a lógica de quem é bom passa de um ano letivo para outro e quem não é, fica, reprova.

Dessa forma, a avaliação é comumente usada como instrumento da meritocracia, premiando aquele cujo desempenho está de acordo com os padrões da normalidade instituídos pela escola, a qual, por sua vez, é instituída pela sociedade. E punindo os que não alcançam os resultados esperados. Preocupados mais uma vez com o desempenho quantitativo dos alunos, do que com as aprendizagens que se desenvolvem, efetivamente, nas escolas. A avaliação assim concebida e desenvolvida deixa transparecer um enfoque totalmente voltado para o produto da educação. Nós professores frutos dessa escola e formados nessa lógica meritocrática, ao nos vermos desafiados a romper com a cultura da avaliação que ranqueia e premia, precisamos rever os nossos conceitos, repensar o modo como vemos a sociedade e que função nós atribuímos à educação.

É imprescindível tomar partido, nos posicionarmos diante de nós mesmos, decidindo se permaneceremos acreditando de forma determinista e pessimista que alguns nascem para o sucesso e outros para o fracasso. Ou se podemos abrir nosso horizonte humano, político, social e pedagógico ao percebermos que cada aluno é único e possui tempo e ritmo próprio, crescendo e se revezando constantemente, como afirma Souza.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

A implantação dos Ciclos, ao prever a progressão continuada, supõe tratar o conhecimento como processo e, portanto, como a vivência que não se coaduna com a ideia de interrupção, mas sim de construção, em que o aluno, enquanto sujeito da ação, está continuamente sendo formado, ou melhor, se formando, construindo significados a partir das relações dos homens com o mundo e entre si.

A cultura da repetência não pode ter lugar numa escola que privilegia a emancipação dos estudantes, pois os critérios de promoção e retenção dos alunos em muito se diferenciam dos da escola que privilegia manutenção das relações de poder e exclusões instituídas pela sociedade. Mas surge aqui um dos aspectos que pode ser considerado o calcanhar de Aquiles da escola organizada em Ciclos de Formação Humana, o adiantamento da exclusão.

Segundo Amaral, o processo de eliminação foi diferido e estendido no tempo e, por conseguinte, como que diluído na duração. A instituição é habilitada permanentemente por excluir dos potenciais que a introduziram, as condições e os conflitos associados a uma escolaridade, cujo único objetivo é ela mesma, assim, a escola permanece excluindo agora em seu interior, e a avaliação continua exercendo a função perniciosa de classificar, ranquear, hierarquizar e selecionar os alunos, ainda que de maneira sutil, contínua e dissimulada.

O panorama que tentamos vislumbrar é o de recusar qualquer iniciativa de retorno à seriação.

Acreditamos na continuidade do Ciclo de Formação Humana, com as necessárias e urgentes modificações, que poderão garantir a promoção da qualidade social da Educação Pública de Mato Grosso.

Acreditamos ser possível avançar ainda mais na educação que não tenha como foco os índices, mas a real melhoria da aprendizagem dos estudantes. Isso significa que a Secretaria de Educação precisa assumir suas responsabilidades como promotora, fomentadora de política pública, que nós profissionais da Educação assumamos a nossa responsabilidade como organizadores do trabalho pedagógico da escola, que a família e a comunidade assumam as suas responsabilidades como constituintes do processo educativo e todos como responsáveis pela formação humana de nossas crianças e dos jovens.”

Muito obrigado! (PALMAS)

O SR PRESIDENTE (WILSON SANTOS) – Muito obrigado, Professor Régis!
Eu recebo o documento, muito obrigado.

A próxima inscrita é a Professora Ana Antônia Neves e, em seguida, o Sr. Carlos Alberto Amado.

Convido para compor a mesa conosco a Secretária Municipal de Educação, Nelci Eliete.

Com a palavra a Professora Ana Antônia Neves.

A SR^a ANA ANTÔNIA NEVES – Boa tarde a todos!

Espero que muitas pessoas se inscrevam hoje, é o nosso momento de falar. Eu quero cumprimentar a todos.

Dizer à professora Regina, que fez uma fala muito bonita, que é difícil contradizê-la e ao Professor Régis que as suas palavras são minhas também. Só me esqueci de escrever um documento, mas a sua fala já me contemplou em vários aspectos.

Nesse sentido, Professora Regina, eu concordo com a senhora que a mudança de nomenclatura variaria pouca coisa, mas nunca a escola foi tão excludente, neste momento talvez mais do que a seriada. Nós sofremos isso.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

Então, discordo do Professor Régis quando ele fala da desresponsabilização, porque, hoje, para eu vir para cá, como é o momentinho de meio-dia, eu tive que lutar com muita força contra o cansaço, para estar aqui. Hoje nós estamos precisando – se a SEDUC puder fazer – de uma capa de super-herói para nós professores, porque hoje não somos só professores, nós temos que ser super-heróis, porque tudo está nas costas do professor. (PALMAS)

No entanto, Senhor Deputado, se esquecem de nos valorizar, nós estamos no pingo de tudo, até mesmo no palanque; desceu do palanque, o professor deixa de ser prioridade nacional.

Eu posso dizer isso com muita tranquilidade, a minha filha acabou de assumir um cargo que conseguiu através de concurso público. No ano passado, eu fiz 25 anos de Estado, e a minha filha já ganha mais do que eu, então, é uma desvalorização total. Portanto, antes de nos chamar para um debate, tem que chamar, também, essa valorização.

Se nós queremos que realmente a educação tenha um grande progresso, como se propaga por aí, é preciso valorizar uma das partes do protagonismo desta história, que somos nós, professores.

Está presente aqui um representante da SEDUC, de formação, e eu gostaria de perguntar a respeito de algumas ações da SEDUC, ações pedagógicas, para aquelas escolas que têm baixos índices na aprendizagem, porque para nós é fácil botar a cara da escola e a nossa ao público, com baixos índices, mas para por aí. Hoje, o aluno é contado como cabeça de gado, quanto mais aluno tem, mais investimento.

Ouviu, Professora, nós não temos essa oportunidade de poder optar, não. Nós até podemos optar, mas depois sofremos as sanções do governo: falta isto, falta aquilo na escola, porque não aderimos ao projeto do governo.

Deputado, eu penso que uma Audiência Pública é muito pouco para discutir a educação, que bom que nós temos um representante de Cáceres. Eu gostaria muito que esse representante visitasse todas as escolas, se possível, para discutir conosco, porque três minutos aqui não dá nem para começarmos a falar. Então, eu gostaria que houvesse mais discussão. E é o que o Professor Régis disse: nós não estamos aqui para acabar com o ciclo, mas nós precisamos urgentemente que o Governo ouça aqueles que fazem, de fato, a educação. E eu vou cobrar isso desta bancada. E vou me inscrever novamente, depois que ouvir a mesa.

Muito obrigada! (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) – Professora e colega Ana, a nossa intenção é voltarmos no segundo semestre, neste mesmo ambiente, numa segunda Audiência Pública, já trazendo algumas proposições concretas – esta é a quinta Audiência Pública.

Eu quero ouvir o pessoal do seriado, não vou embora sem ouvir o pessoal do seriado, que é o conjunto do corpo docente aqui de Cáceres. Em Cáceres, a rede municipal é seriada e eu gostaria muito de ouvi-los.

O próximo inscrito é o Professor Carlos Alberto, presidente do SINTEP de Mirassol d'Oeste; depois a Professora Renilda e o Sr. Dimas Santa, que fecha este primeiro bloco. Aí, nós vamos ouvir algumas pessoas da mesa.

Com a palavra, o Professor Carlos Alberto Nunes da Cruz.

O SR. CARLOS ALBERTO NUNES DA CRUZ – Boa tarde, já com início de noite a todos e a todas, porque, agora, rapidinho fica noite.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

Cumprimento o Professor Orlandir, presidente da Subsele de Cáceres e, em nome dele, todos os profissionais da educação; o Deputado Wilson Santos, e em seu nome cumprimento a mesa e todas as autoridades presentes.

Parabéns, Deputado e Assembleia Legislativa, pela iniciativa em colocar esse ponto em discussão.

Quando nós falamos em colocar esse ponto em discussão, é porque realmente é discussão; e é através da discussão que nós vamos chegar a um consenso. Consenso este sobre o qual nosso amigo Regis já falou muita coisa que eu tinha vontade e que ia falar – vai diminuir até meu tempo.

Gostaria de fazer essas falas, essa discussão nos levará a uma reflexão e essa reflexão vem ao longo de décadas, e ainda não chegamos a um ponto comum.

O Deputado disse que gostaria de ouvir alguém do seriado, está aqui um profissional da educação do seriado, da Escola Estadual Padre Tiago, de Mirassol D' Oeste; ensino médio regular e integrado, também seriado. Conheço também a realidade das escolas em Mirassol D' Oeste, porque as escolas estaduais de Mirassol D' Oeste já são Ciclo de Formação Humana. E o próprio nome já diz: Ciclo de Formação Humana – é muito mais humano.

Se nós formos analisar, o Ciclo de Formação Humana precisa sofrer algumas... Sofrer... Não digamos sofrer, porque sofre; precisa vivenciar; ter novas – digamos assim – ideias; o chão da escola precisa ser incrementado.

Precisamos muito, ainda, ensinar, ensinar... E aprender, aprender... Quando a professora Regina fala sobre o ensinar e aprender; o ensinar na sua época e na minha época era um pouco diferente, e o aprender também, às vezes, nós chegamos a um ponto que ficamos em dúvida.

O que é ensinar? O que devo ensinar para o aluno, hoje? Há algumas décadas era fácil, o professor de matemática já tinha na cabeça o que iria ensinar, e hoje, com tanta tecnologia, com tanta coisa no ar, o aluno está ali até no duzentos e vinte, o celular dele... Ainda bem que tem a lei, Deputado, parabéns pela lei que proíbe o uso de celular em sala de aula, mas ele está doído para pegar o celular, está doído para entrar na *internet*, no *facebook*, e o professor está ali, querendo ensinar usando o quadro negro, giz e a fala; muitas vezes, uma sala de aula com quarenta e cinco alunos, e ele fica tentando chamar a atenção daquele aluno que tem tudo disponível; aí que vem, o que é o saber para esses alunos?

O saber é saber entrar no *facebook*? É saber navegar na *internet*? O que é saber? O que devo ensinar? Qual que é o conteúdo? Então, realmente, eu só citei para nós fazermos uma reflexão. Realmente é o ciclo de formação humana, ela é mais humana porque o seriado é mais maçante, o seriado é excludente.

Eu falo isso porque se for para fazer, hoje, uma pesquisa na Escola Padre Tiago, dos profissionais que ali trabalham, eles vão opinar pelo seriado. Podem ter a certeza de que se houver uma eleição hoje, o seriado vai ganhar... Vai ganhar porque vai citar tudo aquilo que o Professor Regis falou, nem precisa entrar em detalhes, porque, infelizmente, o Ciclo de Formação Humana vem sendo pisoteado por conta de algumas situações que, muitas vezes, não são cômodas. Muitas vezes não é culpa do profissional da educação, do professor, mas também não é culpa da escola, nem do aluno. Então, o ciclo de formação humana tem que ser apresentado, ainda, à escola, ao pátio da escola, à comunidade escolar. Ele ainda não foi apresentado em muitos lugares.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

A comunidade não sabe o que é ciclo de formação humana. “Ah, naquele tempo que era bom, tinha nota”. E aí tem escola que faz ciclo de formação humana, mas o professor faz uma notinha à parte, para apresentar no relatório dele, que ele vai descrever.

Eu convivo com uma professora e ela comenta os relatórios dela comigo. A minha esposa fala assim... Ela conhece aluno por aluno da sala dela. Agora ela está na rede municipal, e lá também ainda não é ciclo de formação humana, mas está próximo, está no meio. E ela conhece os alunos, sabe onde moram, o que eles fazem, qual o problema deles, e ela tem que escrever sobre aquele aluno. Não é questão de dar oito ou nove, uma nota.

E aí, infelizmente, nós chegamos num ponto que o seriado é mais fácil, porque você atribuiu a nota para o aluno, e se ele conseguir se sobressair, como disse o Professor Régis, ele vai ter um prêmio de passar no final do ano. E é bom que nós façamos assim: se você não participar, se você não estudar, você vai reprovar, entendeu? E aí acontece muito a evasão escolar também. Então, a evasão escolar não é culpa do ciclo da formação humana. A evasão escolar é culpa do seriado.

A Escola Padre Tiago, infelizmente, no ano passado teve no noturno 60% de evasão escolar. Foi algo, assim, de chamar atenção. Inclusive, a Promotora da cidade quis saber – naquela época eu ainda era gestor da escola, estava saindo da gestão – por que havia tanta evasão escolar naquela escola. Eu citei – inclusive, nós estamos enviando o relatório agora para outro Juiz, que nos cobrou também – como a primeira coisa: muro baixo. Esse é só o primeiro fator. E depois vem toda a formação que nós sabemos por parte da escola, que é o ensinar e o aprender.

Obrigado! (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) – Muito obrigado, Professor Carlos Alberto.

Com a palavra, a Professora Renilda Batista Lamon, da Escola Municipal São Francisco, zona rural, em Cáceres. É seriado, certo?... Em seguida, o Sr. Dimas Santana Souza Neves da UNEMAT; depois, nós ouviremos algumas pessoas da mesa.

As inscrições para o Plenário estão abertas. Quem ainda quiser, nós temos pelo menos dez pessoas na plateia... Até agora só temos cinco inscritos, três falaram, restam dois; é só levantar o braço que o nosso pessoal vai até você para fazer a inscrição, permaneçam com o braço levantado.

A SR^a RENILDA BATISTA LAMON - Boa tarde! Gostaria de parabenizar a iniciativa e, como educadora, eu espero sinceramente que não seja apenas mais um discurso e, daqui a pouco tempo, caia no esquecimento e tudo volte à estaca zero.

Com relação à nomenclatura, não é seriada ou ciclada que fará a diferença na educação. Nós temos, a meu ver, “n” fatores. Primeiro: o ser humano não é máquina, o ser humano é único, e não dá para chegar numa sala de aula com quarenta alunos e trabalhar com os quarenta alunos da mesma forma. E também, ao mesmo tempo, não é possível para o professor fazer esse trabalho individual com o aluno. Então, começamos o problema aí.

Também não se resolve o problema da educação aumentando a carga horária em si. A meu ver, o que se faz necessário é uma educação diferenciada para cada grupo de alunos ou para cada aluno, porque o ser humano aprende em tempos diferentes. O meu tempo de aprendizado não é o mesmo de outra pessoa, cada um tem o seu tempo, e a escola precisa criar mecanismos para que se faça essa educação respeitando o tempo de cada educando. Só assim nós vamos começar a ter uma educação de qualidade.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

Por outro lado, nós vemos a situação – e falo como professora do campo – das crianças de quatro ou cinco anos. Elas passam duas, três, quatro horas para ir e mais duas, três, quatro horas para retornar para a sua casa, dentro do transporte escolar.

Recentemente passamos por uma experiência de um Projeto do MPEduc, para visitar as escolas do município. Depois de três dias de visita, eu passei praticamente um mês com dores nas costas, indo trabalhar na marra.

Agora, imaginem as nossas crianças de quatro anos fazendo isso todos os dias. A criança já chega à escola cansada. Como é que vamos poder motivar essa criança que está cansada? Muitas vezes, já chega com fome, porque três horas dentro do transporte escolar, passando da hora de se alimentar, e os nossos ônibus não são equipados com água, passando sede. Como ela vai chegar à escola e estar pronta para trabalhar naquele período?

Eu discordo do professor que passou aqui a questão do seriado. Eu reforço que não é só a nomenclatura que precisa mudar, o que precisa mudar é a concepção de avaliação e concepção de educador que nós temos.

Nós temos que pensar também na formação dos nossos professores. Nós estamos com uma formação defasada. Os professores, na grande maioria, não estão preparados para a realidade das nossas escolas hoje. Não estão preparados para educar, preparados para aprender e aprender a ensinar, como já dizia Paulo Freire.

Nós também precisamos repensar esse modelo de formação de professores que está aí; e também temos que repensar nos conflitos de família que temos hoje e o papel da família na vida dessa criança, porque, como disse a Antônia, toda função está sobre o professor. O professor tem que ser professor, tem que ser médico, psicólogo e, em alguns casos, faz o papel de merendeira na escola – e lá se vão outras e outras funções.

E a família, muitas vezes, acha que o único papel de educar é da escola. Então, temos que diferenciar qual é o educar que a escola deve fazer e qual é o educar que a família deve fazer. Só quando levarmos essas famílias para dentro de uma escola ou a escola para dentro da família, poderemos pensar nisso.

Nós também vamos começar a ter algumas mudanças. Então, a mudança em si é muito ampla e depende de muita discussão, mas essa mudança tem que ser rápida, porque se ela não acontecer, os nossos filhos ficam no prejuízo. É o que eu tinha para falar, obrigada!

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) – Muito obrigado, Professora Renilda. Importante depoimento de quem está lá na zona rural.

Com a palavra, o Sr. Dimas Santana Souza Neves, da UNEMAT.

O SR. DIMAS SANTANA SOUZA NEVES – Boa tarde a todos e a todas!

Deputado Wilson Santos, é um prazer revê-lo.

Parabéns pela atitude, eu não gostaria que se discutisse a escola ciclada, e sim a educação do Estado de Mato Grosso, talvez a Audiência Pública seria muito mais proveitosa discutindo a educação do Estado de Mato Grosso... (PALMAS)... e não escola ciclada.

Professora Regina, um beijo para você dos mais fraternos possíveis, pela compreensão que você tem da escola ciclada quanto da escola seriada. Isso nos ajuda a refletir.

Eu vou falar do ponto de vista da formação dos professores, espero que contribua com alguns conceitos. Existe, sim, diferença entre escola ciclada e escola seriada: objetivos diferentes, capacidades diferentes e qualidades diferentes.

A escola seriada quer a exclusão por ordem do professor, excluir o aluno da sala, aqueles que não sabem. Querem homogeneizar todas as crianças, como se todas as crianças

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

fossem iguais, como se não houvesse crianças, filhos de pobres e filhos de ricos; como se não tivéssemos nas escolas crianças com fome e crianças sem fome.

A escola seriada quer isto, homogeneizar. A escola seriada quer mais, ela quer colocar uma concorrência, uma competição desenfreada entre nós professores, entre os próprios alunos e entre as escolas. Portanto, o objetivo da escola seriada é colocar sobre o lombo do professor a responsabilidade sobre a qualidade do ensino, e não sobre os ombros do Estado, e não sobre os ombros do aparelho do Estado. (PALMAS)

É por isso que nós temos que ter cuidado com a escola seriada, é por isso que nós temos que ter cuidado com aquilo que quer o Estado, com aquilo que está discutindo o aparelho do Estado.

E aí, Deputado Wilson Santos, por favor, não mate o ideal de Dante de Oliveira, lá de atrás. Quem propôs a escola ciclada no Estado de Mato Grosso foi o ex-governador Dante de Oliveira, em 1998; não foi o PT e não foi o PMDB, foi o PSDB.

E quero concordar com o modelo de escola ciclada, não quero concordar com a forma como é exercida a escola ciclada, nisso temos divergências. Primeiro, porque a escola ciclada tem, sim, a incumbência de trazer para a discussão três propósitos, três questões: a primeira delas é a questão da diversidade.

Hoje, as nossas escolas trabalham com a diversidade das crianças. São crianças dos mais diversos níveis, condições sociais, qualidades culturais e possibilidades educativas; são crianças com esses potenciais. A escola ciclada atende, normalmente, a questão da diferença, crianças com diferentes potenciais, com diferentes potencialidades para o processo educativo; mais do que isso, a importância da escola ciclada é superar as desigualdades sociais, as desigualdades culturais, superar desigualdades educativas, é mostrar que as crianças não são iguais, são distintas, que é possível educá-las de formas diferentes. Uns querem ser carpinteiros, outros querem ser pedreiros, outros querem ser médicos, outros querem ser engenheiros; e assim a escola ciclada potencializa, permite que todas essas crianças possam estar no âmbito da escola e não no âmbito da rua, e não mergulhadas no tráfico, e não mergulhadas no crime, e não mergulhadas na vida, fora do ambiente escolar.

Por isso, eu que digo aos meus alunos: é muito mais importante uma criança perto de um professor, que não sabe ler nem escrever, mas distante do tráfico de cocaína, mas distante do crime, mas muito distante dos problemas sociais graves, que afetam a vida das nossas crianças. Portanto, precisamos pensar, sim, nos dois modelos que nós queremos, quais são as formas? O que queremos resolver? Nós queremos sim, Deputado Wilson Santos, que, por exemplo, todas as escolas tenham articuladores educacionais.

A escola ciclada só tem 14 anos, a primeira turma de escola ciclada está chegando à universidade hoje, e nós já queremos condenar. Escola seriada tem 150 anos e nunca deu conta de ninguém, nunca! Quem falar aqui: deu conta de me formar... Quem deu conta de te formar foi a sua família, porque a escola não dava conta, a escola seriada é excludente, é individualista, e a escola ciclada é solidária, é fraterna, é fazer com que o professor seja fraterno, seja solidário, que possa fazer com que as crianças da mesma turma sejam solidárias, fraternas, é esse o objetivo da escola ciclada e não outro, não é diferente. Por isso que nós precisamos discutir mais intensamente a responsabilidade do Estado.

Então, articuladores e profissionais que incentivem e apoiem aqueles alunos mais frágeis, economicamente mais pobres, socialmente mais desamparados, é preciso que tenham articuladores na escola, é preciso aumentar a quantidade de articuladores, que todas as

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

escolas tenham, e é preciso diminuir a quantidade de crianças na sala de aula, Deputado Wilson Santos.

A criança de anos atrás, de trinta anos atrás, de cinquenta anos atrás, apanhava de palmatória e de vara. Na criança de hoje é impossível encostar a mão, nós precisamos convencê-la a estudar, nós precisamos convencê-la a ser educada, nós precisamos convencê-las de que esta educação, que a escola é importante e será muito importante na vida dela.

Hoje, nós trabalhamos por convencimento, lá atrás era por opressão, a escola seriada é opressora, diz para a criança: “fica quieta senão você tem menos um, menos dois, menos três”.

Os ritmos de avaliação, a relação está centrada na avaliação... Na escola ciclada está centrada na relação pedagógica, que é diferente. Na escola seriada, a primeira responsabilidade pelo fracasso e pelo sucesso da criança é o professor; depois, a família e por último o Estado. Só no último caso, o Estado se responsabiliza pelo fracasso. Já na escola ciclada a primeira responsabilidade é do Estado. Que condições estão dando aos professores? Salários dignos, temos? Sala de aula com qualidade, temos? Sala de aula com possibilidades educativas, de crianças deficientes, temos?

Pronto, eis a resposta, tanto da escola ciclada como da seriada, e a Professora Regina está coberta de razão, pouco importa o nome da fera, é importante que tenhamos qualidade e responsabilidade para discutir, novamente, esta relação.

As escolas privadas estão cicladas há muito tempo, porém elas dizem que são seriadas; muito mais para amedrontar o aluno do que para qualquer coisa.

A escola privada faz sucessivas provas, sucessivas avaliações com as crianças, duas ou três. Quando não pode, quando não tem condições, diz para o pai para pagar um professor fora da escola, às vezes, o professor da própria escola, pagar professores para que o aluno possa avançar. Na escola ciclada não tem isso. Dois professores...

Os diretores de escolas, coitados, não conseguem contratar ninguém, nem professores para substituí-los, imaginem para ampliar o conhecimento do aluno!

Então, nesta direção que eu gostaria de ver o senhor trabalhar, Deputado Wilson Santos, no sentido de responsabilizar, cada vez mais, o Estado, contratar colaboradores, diminuir a quantidade de crianças na sala de aula, potencializar os deficientes na sala de aula, potencializar a ação... (PALMAS). Aí, nós conseguiremos avaliar pela primeira vez a escola ciclada.

Muito obrigado. (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) - Muito obrigado, Professor Dimas.

Encerramos esse primeiro bloco de cinco inscritos e, agora, nós vamos passar a palavra ao Dr. Douglas, Promotor de Justiça de Cáceres, que veio nos prestigiar, prestigiar esta Audiência Pública, trazer a sua opinião, porque eu tenho certeza de que o Ministério Público é bastante procurado e provocado, também, por pais, por mães, por diretor de escola, e o Ministério Público tem sido cada vez mais um ator presente nesse meio, também, das escolas. Com o aumento da violência, tem sempre alguém procurando o Ministério Público, um ator novo, que se fortaleceu muito a partir da Constituição de 1988. Então, a Assembleia Legislativa agradece a presença do Promotor, que após a sua fala deixará o ambiente, porque tem outras agendas a cumprir ainda hoje.

O SR. DOUGLAS LINGIARDI STRACHICINI - Boa tarde a todos os presentes, sejam representantes da Secretaria Estadual, da Secretaria Municipal, de Deputados, a Professora Regina, todos que estão aqui presentes, realizando esse evento.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

Eu serei breve, para que os debates importantes que partem de vocês sigam na sequência. Mas é preciso instigar, como foi dito pelo Deputado Wilson Santos, e também pela Professora Regina, a discussão. E, antes de tudo, eu gostaria de dizer: parabéns para o trabalho desenvolvido pela Casa Cidadã. Nós a elegemos, o povo, através da cidadania do voto, e nada mais justo do que a Casa Legislativa do Estado vir buscar o subsídio para melhorar na própria sociedade que a elegeu. Então, meus parabéns pela iniciativa da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, eu tenho certeza de que essas Audiências Públicas resultarão em propostas concretas para alterar a qualidade do ensino.

Peço, antes de falar um pouquinho, desculpas; desculpas pela minha simplicidade diante de tantos estudiosos da área de educação, que aqui estão presentes. Talvez, pessoas que estudam educação pública no Brasil há mais tempo do que os anos que eu tenho de vida, pessoas como a Professora Regina, de contribuição inestimável, incalculável, para que o Estado e suas instituições educacionais possam melhorar.

Mas eu preciso dar um pitaco de contribuição, pelo papel que o Ministério Público desempenha, até porque eu estou hoje aqui não em nome próprio, do Douglas Promotor de Justiça, que já foi Promotor de Mirassol d'Oeste – eu fiquei feliz em ver o pessoal de Mirassol d'Oeste aqui, porque já fui promotor lá em Pontes e Lacerda, em Vila Bela da Santíssima Trindade e, hoje, em Cáceres – e em nome da sociedade do Estado de Mato Grosso, porque essas palavras que foram aqui explicadas sobre o contexto educacional servirão para se formar um paradigma, para que o processo educacional possa ser aperfeiçoado.

“Então, o que o senhor está falando, Dr. Douglas?” Eu estou dizendo que o que for debatido hoje aqui, servirá para tentativa de melhoria das condições do ensino em nosso Estado e, conseqüentemente, em nosso País.

Eu não me furtaria aqui, ou ficaria a tarde toda debatendo inúmeras situações pontuais de críticas, mas eu não vou fazer isso. Eu vou fazer isso sob o aspecto que foi dito pela professora e os objetivos desta Audiência Pública.

Então, rapidamente, eu vou retornar no tempo, na minha cabeça, na história, tentando lembrar quando se passou ao ciclo de formação humana, lá em 1998, que está na minha cabeça, mas me corrijam se eu estiver enganado, aqui no Estado de Mato Grosso e, também, ao mesmo tempo no Estado de São Paulo.

E para que, inicialmente, se implementou o ciclo de formação humana? Como foi bem dito pelos professores que vieram aqui expor, para combater... Podem até discutir em outras áreas, mas inicialmente foi para combater os elevadíssimos índices de evasão escolar em São Paulo e no Estado de Mato Grosso.

Havia bairros e cidades no Estado de São Paulo com índices de evasão escolar que chegavam a 90%. Aqui foi dito pelo professor de Mirassol d'Oeste, 60% no passado, no noturno. E chegava a 90% de evasão escolar, isso decorrente do que a professora Regina explicou. A única forma de se ver a educação, que era seriada, era uma forma considerada excludente, que retirava a autoestima do aluno, desqualificava o aluno, especialmente sem levar em conta os fatores sociais externos.

Repetindo, parafraseando os professores que aqui falaram, ela distinguia entre o filho de pobre e o filho de rico, ou seja, os que tinham menos oportunidades sociais eram reprovados; eram os que deixavam a sala de aula e ficavam marginalizados pela sociedade. Então, foi assim que começou e os ciclos estão em estágio de amadurecimento.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

De 1998 para cá não existe uma turma formada – se eu estiver enganado me corrijam – de universidade que ainda esteja trabalhando, desenvolvendo suas atividades sobre esse paradigma do ciclo de formação humana. Não obstante isso, o mais importante foi frisado pelo Deputado Wilson Santos e pelos presentes da mesa, pelos representantes das entidades e os professores: é a qualidade do ensino que chega ao aluno.

“E qual é o problema que estamos debatendo hoje aqui, que o senhor vê lá na sua Promotoria, quando o senhor chega para trabalhar?” Eu vejo a discussão do meio, sem que se chegue ao fim.

O fim é a melhoria da qualidade da educação, e o meio é: a escola vai ser ciclada ou seriada; vai ser pintada de verde, amarelo, azul e branco; o Governo é do partido “a”, “b” ou “c”, quando o mais importante, a finalidade é discutir a qualidade e eficácia dos métodos de educação.

“Ah, Dr. Douglas, então, é aqui que nós estamos pecando?” Pelo menos é o que eu encontro nos estudos que faço sobre a área educacional no Brasil.

Nós perdemos muito tempo discutindo muita coisa em termos de nomenclatura e evitando falar do que é o mais importante, que é a qualidade, e isso, as cinco pessoas que vieram anteriormente a mim e falaram, destacaram em suas falas.

Partindo do pressuposto que o que precisa ser buscado é a qualidade do ensino, é em cima desse resultado, desse objetivo a ser alcançado que precisamos analisar os fatores que vão incidir sobre eles para uma melhoria.

“Ah, então, eu quero qualidade de ensino melhor”, se o que eu preciso fazer, dou um exemplo que eu vi ontem, ainda estudando o tema, que é embasamento melhor das famílias. Foi dito aqui... Eu estou só copiando o que foi dito, formação das famílias, as famílias não intervêm mais, não atuam mais dentro de casa com seus filhos, com os estudantes, com as pessoas que nós queremos educar da forma que necessita.

Se nós pegássemos por um lado extremamente crítico, poderíamos dizer assim: um dos fatores é melhoria do salário do professor – claro que é! Um dos fatores é a melhoria da atuação estatal na construção de novas e melhores reformas de escolas, mas também temos que ver situações ligadas às políticas públicas: aquele bairro tem saneamento básico? Aquele aluno tem – a professora da zona rural bem disse – transporte escolar adequado para ir a essa escola? Existe água potável? O aluno vai para a escola para quê? Para aprender ou para comer? É só para isso? Então, essas discussões são o pano de fundo, essa é a grande tangente que precisa ser observada quando se quer melhoria na qualidade, e é muito prematuro – pelo menos, ao ver do Ministério Público – condenar qualquer dos dois sistemas, que vão ainda ser muito discutidos aqui hoje, como o carrasco ou não da educação qualificada ou desqualificada.

Por quê? Pela precocidade, ou seja, são poucos anos de sua instituição, desde 1998 apenas, ainda não foi feito nenhum tipo de avaliação sobre isso.

E o segundo é por um fator que precisa ser levado em conta – eu peço desculpas pelo exagero nas palavras, eu estou falando até pouco hoje, mas vou tentar sintetizar –, que é a evolução do mundo em que vivemos.

Estudos das Universidades Brasileiras Federais de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo têm demonstrado – o último que eu analisei foi do Rio Grande do Sul – a evolução de tecnologias e isso impacta diretamente em sala de aula, em educação de qualidade. Não foi dito, aqui? É *facebook*, é não sei o que, é lei da *internet*, “eu posso acessar?” ...

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

É essa qualificação profissional de professores e estudantes que nós precisamos valorizar, as pessoas com quem nós estamos, e incentivar a melhoria da qualidade de ensino, com novas técnicas, novos mecanismos. É preciso repensar, e é isso que eu acredito com essas Audiências Públicas que a Assembleia Legislativa está promovendo, está buscando angariar com os professores e os alunos no nosso Estado, para promover melhor adequação a nossa realidade.

Para que se tenha uma ideia, os estudos da faculdade que mencionei dizem que no período de cinco anos, compreendido entre 2007 e 2012, houve evoluções tecnológicas correspondentes aos trinta anos anteriores e a tendência, senhores, caso não conheçam, é piorar. Se hoje só tem o *facebook*, a tendência é só piorar, todo mundo tem celular.

Então, precisamos aprender a conviver com a nova realidade, aprender a visualizar o fim que todo esse meio de discussão objetiva, e procurar engrandecer aqui, com as contribuições, uma melhoria no sistema educacional do Estado de Mato Grosso.

Eu peço desculpas pelas singelas palavras de contribuição e agradeço ao Deputado Wilson Santos, ao Deputado Dr. Leonardo, aqui de Cáceres, e aos membros representantes do SINTEP, das escolas estaduais da cidade e da região de Cáceres, da zona rural, representantes do município, mas eu realmente preciso sair. Vou sair para não ser xingado, vocês podem me xingar; depois, o pessoal me avisa e passa as contribuições; mas o essencial, senhores, - mais uma vez eu peço - é não dar tanta importância ao meio, mas indicarmos resultados positivos, quem estará aqui no final, para obter esse resultado, são os nossos filhos, são as pessoas que virão construir a sociedade amanhã, são as pessoas que governarão, são as pessoas que estarão nesta mesa, aqui, dirigindo as palavras aos nossos filhos, as gerações se sucedendo, daí a importância dessa educação qualificada. Qualidade na educação é o que se prega aqui hoje; que se discutam os mecanismos para se chegar lá, é em nome dela que o Ministério Público agradece a participação, e peço desculpas por não poder ficar até o final e pelas rápidas palavras.

Muito obrigado! (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) – Agradeço ao Ministério Público, que tem participado, tem atendido os nossos convites, e nós fazemos questão de convidar o Ministério Público e a Defensoria Pública, todo mundo, porque este é um assunto que tem tudo a ver com todos nós.

Quero consultar ao Sr. Alfredo e ao Sr. Edinho se já querem falar agora, um dos dois... (PAUSA) Mais para frente?

Edinho? (PAUSA) Depois do Sr. Alfredo?

Deputado Dr. Leonardo, vamos ouvir mais três pessoas. Vossa Excelência vai ficar comigo até o final, senão eu vou cortar o seu jeton... (RISOS)

Os próximos inscritos são: Weily Toro Machado, Professor da Unemat; em seguida, a Professora Maria José Magalhães, da Secretaria Municipal de Educação de Cáceres; também estão inscritos o Professor José Maria Souza, da Escola Estadual 11 de Março, e a Professora Edna de Laet, da Escola Estadual União e Força. Ainda tem mais um, tem algum aluno que vai falar? (PAUSA)

Já foram embora? Tem algum aluno que quer se inscrever? (PAUSA) Não querem, em lugar nenhum eles falam. Esta é a quinta Audiência Pública, eu nunca ouvi um aluno. Ontem, tinham um monte lá em Tangará da Serra, quando pedi para falarem, eles ficaram envergonhados. Às vezes, ficam envergonhados porque grandes oradores usaram da palavra, doutores falaram. Não fiquem inibidos, nós vamos entender o que vocês querem dizer.

Está inscrita uma das duas? Aqui é ditadura comigo. (RISOS)

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

Com a palavra, o Professor Weily.

O SR. WEILY TORO MACHADO – Parabéns, Deputado Wilson Santos, pela iniciativa, mas eu quero fazer coro à fala do Professor Dimas, porque eu acho que nós temos que discutir a educação do Estado de Mato Grosso, discutir a educação como um todo.

Antes de falar alguma coisa, a minha formação é em contabilidade, sou professor do Departamento de Ciências Contábeis aqui no *campus* de Cáceres, e quero relatar uma estória, não é história, para falar um pouco desse contexto histórico e familiar.

Na minha família, entre irmãos e cunhadas, são seis pedagogos, e só eu que sou contador, que destoei, achei que tinha destoadado mesmo, mas sou professor de universidade, envolvido na educação.

Existe uma estória que eu ouvi de um deles, que eu fiquei estarecido, muito estarecido e muito triste, e é estória o que vou contar – volto a repetir, não é história. Uma criança de sete ou oito anos de idade chegou em casa e foi comer uma seriguela, uma manga com sal e foi pegar o pote de sal que estava ao seu alcance, a avó veio e brigou: “não, não faça isso”. “Mas por quê?” Porque não era um pote de sal, era um entorpecente que a criança ia pegar, era um pote de entorpecente de um parente seu, que estava ao alcance da criança. Então, eu pergunto: uma criança de sete a dez anos tem responsabilidade pela sua reprovação? Olhem esse contexto em que essa criança vive. Olhem o que é que nós, de certa forma... Vejam como essa criança está. O pai pode estar preso, a mãe pode estar presa, foi criado com a avó, os pais podem estar separados. Então, nós vamos discutir aqui, falar que a escola ciclada é a culpada disso, que o seriado é o culpado daquilo.

Se nós não discutirmos a educação como um todo, nós não vamos chegar a lugar nenhum. E quem tem que ajudar? Somos nós mesmos, é a sociedade. Não existe salvador da pátria, não existe método que vai salvar a educação, não existe alguém que vai chegar com uma varinha mágica e falar: “salvamos a educação”.

É um processo que vai demorar de vinte a trinta anos, para que nós consigamos melhorar a educação do nosso país. Alguns estudos já apontam, Professora, que quando você tem a mãe alfabetizada, essas crianças têm o rendimento maior na escola, de mais de 15%. Quando a mãe é alfabetizada.

E outro ponto, Deputado Dr. Leonardo, que é médico, será que se eu pegar uma criança que, hoje, fala que – também são relatos que nós escutamos e são verdadeiros, não é um caso ou outro, não são casos isolados de criança – não enxerga... Cadê o Estado que não fez uma avaliação para saber se a criança enxerga ou não?

Talvez isso, Deputado Wilson Santos, uma ação na Secretaria de Educação, uma ação com a Secretaria de Saúde, se nós aumentássemos os índices de qualidade de educação, muito mais do que qualquer método discutido, pode ter certeza disso. Uma criança que tem verminose, um estudo feito num país da África demonstrou que aumenta o rendimento quando você dá... É só fazer isso, só vamos melhorar a saúde das crianças.

Por quê? A Professora relatou que tem história que a criança demora quatro horas para chegar à escola. Será que ela comeu? E aí, como vai aprender de barriga vazia?

Aí, outro relato – pasmem vocês... Eu estava aqui pensando como definir professores? Eu pensei em heróis, a Professora Ana Antônia definiu muito bem, super-heróis do nosso Estado. Eles têm que pagar, Deputado Wilson Santos, para cortar o cabelo de uma criança que tem piolho – pagam do bolso. “Ah, é pouco, R\$ 8,00”. Não, não é pouco. É muito, é muito, dado à vergonha que o Estado tem que passar, é muito por isso.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

Eu quero levar algumas propostas – contador fala pouco, Deputado Wilson Santos, contador não fala muito, mas eu quero comissão, que a nossa colega representante da UNEMAT leve na discussão para educação algumas propostas –, uma delas é que se faça um projeto para simplesmente avaliar, é claro, e para dar óculos para nossas crianças.

Avalie a saúde de nossas crianças, isso com certeza ajudará muito, porque aí estamos fazendo o que a escola ciclada diz que tem que ser: a educação você faz com gestão escolar, com estrutura, com metodologia, com currículo; e não esquecer o principal: a atenção de toda educação tem que ser para o aluno, se ele não estiver bem, não tem escola bonita, não tem escola modelo que vá fazer com que ele aprenda, ele tem que estar bem. É ele que tem que estar bem, esse tem que ser o foco, o aluno. O aluno é que tem que ser priorizado.

Eu sou defensor da escola ciclada, estudei muito pouco sobre o tema, mas sou um defensor da escola ciclada, porque eu vejo que um aluno de sete, oito ou dez anos, não pode ser penalizado pela sua reprovação. Ele não pode ser penalizado por isso.

Eu quero fazer, para finalizar, algumas sugestões: nós estamos fazendo 15 anos de escola ciclada, Professor Dimas, e esses alunos são os que estão chegando à nossa universidade, estão chegando na UNEMAT. Então, vamos avaliar o ciclo. Antes de tomar uma decisão para lá ou para cá, vamos avaliar uma série de aspectos: IDEB, evasão, Provinha Brasil, Prova Brasil, resultados do ENEM, resultados dos vestibulares. Vamos avaliar todo esse contexto antes de tomar qualquer decisão. Mas repeto que se a educação não for considerada e, sobretudo, envolver saúde e segurança, não se chegará a lugar nenhum. Vai ficar discutindo a todo momento, em toda Audiência Pública. Se nós não envolvermos a sociedade no processo de educação, nós vamos toda vez ficar discutindo um único ponto, educação tem que ser discutida como um todo. (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) - Obrigado, Professor Weily Machado, Contador e Professor da UNEMAT.

Com a palavra, a Professora Maria José Magalhães; em seguida, falarão os dois representantes da SEDUC.

Quero registrar a presença do nosso vereador...

A SR^a MARIA JOSÉ MAGALHÃES – Boa tarde a todos!

Em nome da nossa Secretária de Educação, cumprimento os componentes da mesa e, em nome da educação do Estado de Mato Grosso, cumprimento todos aqui presentes.

Há tempo nós não víamos as pessoas pensarem um pouco na mudança da educação em nosso Estado. Eu não estou aqui para defender a escola seriada, nem acusá-la, porque eu fui fruto de uma escola seriada.

É como o Professor Dimas disse: naquela época, era uma escola repressora, sim. Eu me lembro muito bem, sou da época que a professora na sala nos dividia; dividia a coluna dos que sabem tudo. “Aqui é dos coitadinhos que não sabem de nada”; “esses daqui já estão condenados à reprovação”. Nós já éramos reprovados nos primeiros dias de aula, pela concepção do professor.

Hoje, eu vejo que muitas coisas mudaram na educação e, graças a Deus, nós temos que pensar na educação de qualidade para o Estado.

Por que eu digo isso? Nós recebemos coisas boas naquela época, era a escola do momento e a escola que nós tínhamos, para alguma coisa serviu. E temos outra escola que pensa no ser humano como um todo. Nós não temos uma criança em partes, você vai fazer isso como se

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

fossem umas gavetas, nós temos um ser completo e, por ser um ser completo, nós temos que ter para esse ser uma educação de qualidade.

Aí eu falo: onde está a postura de todos nós, como professores, como gestores, como Estado, Município e União, quando você tem que dividir um livro – porque eu trabalhei muito tempo no ensino fundamental e médio –, às vezes, você chega lá, tem dez livros e tem trinta alunos na sala de aula e você tem que dividir o material, como é que nós vamos fazer uma aula de qualidade nessa situação?

Nós temos que repensar muito a escola que queremos, como queremos que os nossos alunos sejam. Eu sempre falo para os alunos: vocês aqui da zona rural, da urbana, da escola pública ou da escola privada, independentemente da escola, quando nós vamos fazer vestibular, lá não tem vestibular específico para aluno da zona rural, para aluno do CEA, para aluno do Colégio Imaculada Conceição, Escola dos Freis ou, então, para os alunos do município. Não, é um único vestibular.

Nós temos que pensar na postura do professor como educador na sala de aula: que educação eu estou ministrando para os meus alunos? E se fosse o meu filho que estivesse naquele lugar, eu faria como eu faço com o filho do outro? A parte pedagógica, como eu faço a minha aula? De que forma eu faço a minha aula? Como é o meu tratamento com os meus alunos?

Aqui tem muitos colegas de profissão que foram meus alunos, lá na 1ª série, e tem muito testemunho para falar como sou até hoje.

Nós não podemos, porque somos professores da zona rural, da escola pública, ou da escola privada dar uma aula diferenciada para o aluno. São alunos, são seres que precisam ter ensino de qualidade. E pensando, ainda, a única instituição de formação do profissional, da pessoa humana, é a instituição escolar, a escola; nós não temos outra formação em outro lugar, não é no hospital, não é numa empresa, é na escola. Se a escola não fizer o papel dela, quem é que vai fazer?

Uma vez, uma colega minha passou por uma situação assim, a professora passou uma atividade em casa, falou: “olha, mãe, ensina seu filho em casa, porque ele tem tarefa para fazer”. Então, a mãe disse o seguinte: “olha, Professora, eu não vou ensinar, porque eu não recebo para isso, quem recebe para ensinar meu filho é você e você vai ensinar meu filho”.

Essa é a situação com que nós nos deparamos na sala de aula, e sem contar com avanço tecnológico. O que acontece? A criança está muito mais incutida no seu celular, na tecnologia, do que numa aula do professor, se a aula não for bem elaborada. Sem falar que, hoje, mais de 50% dos alunos que nós temos, são alunos criados com tia, com avó e com o vizinho, não é isso?

E todas essas questões têm que ser discutidas com muita segurança. O que nós vamos fazer em sala de aula? O que eu quero para meu aluno? O que eu preparei para hoje? O que é necessário que meu aluno saiba, para disputar a vida dele lá fora. A vida dele depende de nós, a formação dele depende da escola, se eu não faço o meu serviço bem feito, que cidadão eu vou ter? Vou encher as penitenciárias. Por quê? Vão partir para drogas, para violências, para tudo, é isso que está exposto para a sociedade.

Nós temos que pensar muito. Eu vejo muito... Quando entro na escola, a primeira coisa que eu olho, é a sala de aula e a postura do professor. Aí, depois eu vou ver: tem livros? Tem biblioteca? Tem algum livro? “Ah! Não tem nada, acabaram os livros, estão todos velhos”. Está velho, está rasgado, mas o meio está bom, eu vou usar o que tem no meio do livro, alguma coisa... (FALHA NO MICROFONE)

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) – Professora, a senhora encerrou?
(PAUSA)

Ah, pensei que o microfone havia falhado.

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) – Já ouvimos sete pessoas da plenária, vamos ouvir agora os dois representantes da Secretaria de Estado de Educação, e após o Professor Alfredo e o Professor Edinho falarem, voltaremos às inscrições.

Quero registrar a presença do Vereador e Secretário de Agricultura Manuel Leiteiro, muito obrigado pela presença, e também do Secretário Municipal de Esporte, Cultura e Lazer Professor Jair Cestari, muito obrigado.

Com a palavra, o Sr. Alfredo Tomoo Ojima.

O SR. ALFREDO TOMOO OJIMA – Boa tarde a todos! Cumprimento o Deputado Wilson Santos, todos os que estão à mesa, a Professora Nelci e todos os educadores aqui de Cáceres.

Eu queria iniciar falando um pouquinho da minha trajetória. Eu sou professor também no Estado, concursado de 1989, participei daquele período de Dante de Oliveira – fiquei oito anos com o Dante de Oliveira – e percebemos o seguinte: o que caracteriza uma gestão são os marcos legais que essa gestão deixa. Então, nós temos na política do Estado os principais marcos educacionais, que existem até hoje, foram construídos naquela época em parceria com o sindicato.

Quais são os principais marcos? Lei da Gestão Democrática, Lei nº 7.040; Lei Complementar nº 49, lei do sistema, que instituiu – praticamente é o único modelo no Brasil – a possibilidade de constituir o Sistema Único em Educação. E existe um programa para que nós possamos chegar a um sistema único, existe o Programa de Gestão Único.

Nós começamos a implantar isso lá no ano de 2000. Nós tivemos um programa piloto de treze municípios inicialmente, e foi ampliado para vinte e quatro municípios, mas a outra gestão não deu continuidade. Existe, também, a LOPEB, a Lei Complementar nº 50, que instituiu a carreira dos profissionais da educação.

Nós temos hoje no Brasil, ainda, muitos Estados e muitos municípios que não têm a carreira própria do magistério, e isso é um marco civil, até referência para muitas instituições, outras Secretarias.

Outra questão muito importante é a Resolução nº 262, que instituiu a Escola Organizada em Ciclo no Estado de Mato Grosso. Então, a data de referência, Deputado, muita gente coloca ano 2000, mas na verdade nós começamos esse processo antes, 1997 ou 1998, e no ano de 2000 nós fizemos um referencial sobre a questão da escola organizada em ciclos, mas a instituição oficial, eu diria, é a Resolução nº 262, que instituiu no sistema, através do Conselho Estadual de Educação, e foi na verdade, não foi um processo de cima para baixo, mas um processo discutido com o sindicato, com segmentos das fontes particulares.

Enfim, todos os segmentos por parte do Conselho Estadual discutiram e chegaram à conclusão do estabelecimento dessa proposta em nível do Estado de Mato Grosso. E, de lá para cá, em 2002, eu deixei a Secretaria de Educação para trabalhar no Município de Cuiabá e estou retornando, depois da eleição do Governador Pedro Taques, para trabalhar junto com o Secretário Permínio Pinto, esta é a quinta Audiência Pública de que eu participo.

O que eu tenho percebido? Parece que depois de 2002 para cá... Eu sei que o CEFAPRO fez bastante esforço, mas parece que não houve uma formação de fato, efetiva, que

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

fosse para dentro das escolas para formar os professores, fazer uma formação continuada na questão das escolas organizadas em ciclos. É isso que nós percebemos.

Eu perguntaria o seguinte – eu pediria até a colaboração de vocês –, quais são as pessoas, que entraram de 2002 para cá, que tiveram uma formação de fato, de escola organizada em ciclos, levantem a mão...

(A PLATEIA NÃO SE MANIFESTA.)

O SR. ALFREDO TOMOO OJIMA - Está aí a resposta, nós não podemos fazer uma coisa bem feita se nós não conhecemos, nós só faremos alguma coisa bem feita se nós tivermos o entendimento, a compreensão, e soubermos o que está sendo feito, a tendência de quando nós não conhecemos, nós reportamos para aquilo que temos segurança.

E qual é a segurança nossa? Todo mundo foi formado na escola seriada, não é? Então, às vezes, o pessoal fala assim: “bom, eu estou trabalhando com a escola ciclada”. Mas está repetindo a escola seriada. Então, é fundamental para a Secretaria de Educação... Nós já discutimos isso, está aqui o Edinho, e nós estamos fazendo um trabalho muito forte no sentido de que o CEFAPRO seja o principal indutor da formação dos Professores, Coordenadores, Diretores, Assessores Pedagógicos e, também, da formação dos próprios formadores do CEFAPRO; para que nós realmente possamos aperfeiçoar a questão da organização em ciclo e também fazer um processo de avaliação.

Já foi feita a primeira reunião lá na SEDUC para a discussão da escola organizada em ciclo do Estado de Mato Grosso, a Audiência Pública é uma das formas de contribuição.

Essa comissão está constituída por quem? SEDUC, Conselho Estadual e UNCME – cadê a professora Regina? Está aqui –, a UNDIME, as duas universidades, a comissão da Assembleia Legislativa e sindicatos também.

Esta comissão estabelecerá um plano de trabalho, um cronograma para debater e discutir. Então, não fiquem aflitos. Vocês vão falar: “só tem essa discussão?” Não, vai haver várias discussões, inclusive com presenças escolares, para que possamos debater e discutir, aperfeiçoar e apontar os caminhos.

O Governador Pedro Taques, durante a campanha, assumiu um compromisso. Quero apresentar uma situação: o mês de maio é a data base, vai haver a reposição, isso está assegurado para todos os profissionais da categoria, mas para isso, o que aconteceu?

Nós tivemos mudança de Governo, eu fiz parte da equipe de transição, o relatório que recebemos na equipe de transição era uma realidade muito diferente de quando entramos, há mais de 120 dias, na SEDUC.

Nós tínhamos um orçamento de R\$ 1.900.000.000,00 para 2015, sendo que R\$ 1.830.000.000,00 estavam comprometidos com a folha de pagamento. Então, temos poucos recursos para investimentos e até dificuldade de custeio. Esse ano vai ser um ano para organizarmos a casa, para que possamos planejar, para que em 2015 possamos executar as ações que vamos organizar.

As normativas que foram feitas, que estão em vigência hoje, são normativas de 2014. Nós até queríamos mudar algumas normativas, não conseguimos. Já estamos discutindo, preparando uma nova normativa para 2016. Então, quero reforçar para vocês, para assegurar que nós tivéssemos recursos para fazer investimentos, tivemos que fazer uma reestruturação administrativa.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

Reduzimos dentro da Secretaria de Educação, de quatro Secretarias-Adjuntas para duas Secretarias; de 116 cargos de confiança, reduzimos para 65; de 1.080 servidores que estavam na SEDUC, reduzimos para um pouco mais de 800 servidores.

Todo esse esforço para quê? Para que o recurso chegue lá na ponta para quem está na escola, para o aluno. Esse esforço que estamos fazendo, pedimos a compreensão e a colaboração de todos, nós sempre estaremos abertos ao diálogo, ao debate, para que possamos fazer a melhoria da qualidade da educação no Estado de Mato Grosso.

E eu tenho certeza de que essas dificuldades... Eu tenho a impressão de que eu retornei para a Secretaria de Educação e parece que alguma coisa parou no tempo. É essa sensação que eu tenho. Durante esse tempo que fiquei no município, o que é que eu percebi lá, o que é que nós desenvolvemos? Inclusive, o prefeito, naquela ocasião, era o Prefeito Wilson Santos. No município nós desenvolvemos um programa chamado Escola com Saúde.

O que era esse programa? Nós tínhamos uma equipe multidisciplinar formada por médico, enfermeira, dentista, psicóloga, técnico de enfermagem, que fazia exame de acuidade visual.

O que nós detectamos em algumas situações? Eu quero citar um exemplo. Tinha criança que estudava há dois ou três anos e o grau dela era seis. Então, ela tinha dificuldade de aprendizagem, porque não estava enxergando. Essa realidade que o professor colocou existe mesmo.

Outras situações: nós tínhamos casos de crianças desnutridas e outras questões, e nós fomos resolver a situação com a participação efetiva dos pais.

Um programa muito importante, o Programa da Avaliação Institucional. Nós fizemos uma parceria, um convênio com a UNESCO em 2010, para instalar o Programa de Avaliação Institucional, esse programa tinha um foco em quê? Na questão de implantação e melhoria do Projeto Político Pedagógico, que é o principal instrumento de planejamento de política de uma escola, de uma instituição educacional.

Esse programa praticamente está instituído agora na rede municipal e tem uma avaliação que não é apenas uma avaliação que vem de fora, pelo contrário, é uma avaliação em que todos são avaliados, desde o diretor da escola, a própria Secretaria, o aluno, o professor, o servidor, a comunidade; enfim, todos passam por um processo de avaliação.

É um processo muito participativo e faz com que essa questão não fique apenas na mão da escola ou da Secretaria, mas é um processo de construção de outro olhar, de outra forma de trabalhar a educação, de uma maneira participativa, de uma maneira mais prática, de uma maneira que todos possam ajudar na construção de uma escola de qualidade.

Muito obrigado! (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) – Muito obrigado, Sr. Alfredo, que é um técnico experiente, já tem décadas na educação do Estado de Mato Grosso, de Cuiabá, muito experiente. Ele está dentro do gabinete do Secretário Permínio, é uma espécie de braço direito do Secretário Permínio, representa o Secretário Permínio em audiências e reuniões; enfim, é um técnico muito experimentado.

Vamos ouvir agora o Professor, servidor de carreira da SEDUC e que vem respondendo pela coordenação de toda essa área de formação, de capacitação do corpo docente e dos gestores escolares.

Com a palavra, o Sr. Edinaldo Gomes de Souza

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

O SR. EDINALDO GOMES DE SOUZA (EDINHO) - Boa tarde a todos e a todas.

Professor Wilson Santos, parabéns por essa iniciativa. Falo professor porque como político você é um camarada excelente, competente, honesto e como professor mais ainda. Então, parabéns por essa iniciativa.

E dizer também que, penso eu, não há nenhuma intenção da Assembleia Legislativa, do Governo, do próprio Deputado Wilson Santos, em acabar com a questão dos ciclos; nós estamos aqui dialogando acerca dele, porque precisamos desse diálogo para que possamos melhorar algumas ações.

Quero cumprimentar a todos, cumprimentar meus amigos do CEFAPRO e, já adiante, dizer para vocês que eu vi, com a fala do Sr. Alfredo, que vocês ficaram tristes, mas é o seguinte: vocês não trabalharam a formação em ciclo nas escolas, porque não tinham essa orientação da SEDUC. Então, não foi por culpa de vocês. Não havia essa preocupação, não havia essa orientação, então, é por isso que não fizeram, mas vocês são dignos de louvores pelo belíssimo trabalho que desenvolvem na escola. Parabéns!

Quero dizer também que a Secretaria de Educação do Estado Mato Grosso tem uma posição clara com relação à escola, o professor e ao sistema.

Primeiramente, quero dizer que a nossa posição é de ofertar para os nossos alunos uma educação de excelência. E essa oferta, esse nosso desejo, não é por questão de ser bonzinho, não; é porque é o direito dos nossos meninos, das nossas meninas, então, o mínimo que podemos ofertar é uma educação de excelência; uma educação que ao mesmo tempo valoriza, exige a formação científica e tecnológica também, não pode se furtar de olhar o lado humano desses meninos, o lado humano e social das nossas crianças, dos nossos jovens, que é muito importante para nós.

Nós não queremos uma educação fria e metodista, queremos uma educação que de fato compreenda os nossos alunos como sujeitos históricos e transformadores dessa sociedade, possibilitando a eles a sua autonomia, para que tenham ações e opções quando crescerem.

Para isso, nós sonhamos, queremos e vamos construir uma escola alegre, uma escola feliz. Como já dizia Moacir Gadotti, a escola, por mais problema que há, ali existe o que há de essencial. É essa gente que importa e que interessa para a Secretaria de Estado de Educação. E é isso que nós queremos para a nossa escola, uma escola alegre, feliz e, principalmente, uma escola estruturada, e aí o Estado não pode se furtar disso.

Se quisermos ter essa excelência, teremos que dar as mínimas condições para que isso aconteça, e é o que nós queremos, é o que nós vamos lutar para que aconteça. Podemos até não conseguir, mas vamos lutar até o último instante para que isso aconteça.

Tudo bem que a escola não faz tudo, e não pode fazer tudo, mas a escola pode dar respostas para quase tudo. A escola tem que ter essa percepção de ver o aluno recolhido, triste ou rebelde, ela tem que perceber que por trás daquela ação dele, existe de repente um pedido de socorro, um pedido de ajuda. E a escola, mesmo não tendo o médico, mesmo não tendo o psicólogo, o assistente social, nós podemos fazer esse encaminhamento.

O professor vai olhar, vai enxergar o que os olhos não mostram e é isso que nós já fazemos, muitas vezes, em sala de aula. É por isso que nós precisamos continuar nessa questão.

E aí, a posição da SEDUC com relação ao professor é que nós queremos o nosso espaço escolar, primeiramente um professor feliz, um professor saudável, porque não dá

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

para trabalhar doente. É isso que nós queremos e que nós vamos lutar para que aconteça. Pode ser que não aconteça, mas nós vamos lutar para que, de fato, isso possa acontecer.

Aliado a isso, nós queremos ter também, em nossas escolas, professores por opção. Infelizmente – como eu gosto de colocar o dedo na ferida –, infelizmente existem muitos que ali não deveriam estar, porque não fizeram essa opção de ser professor; estão ali porque não têm mais para onde ir e vão para a sala de aula.

E outro grande problema que vem para a formação continuada é a nossa formação inicial, que não nos preparou para a sala de aula, que durante os quatro anos que eu fiquei em sala de aula, eu fui apenas um semestre à escola fazer o estágio e, de repente, uma vez a cada quinze dias. Eu não vivi o ambiente, eu não convivi com o posto de professor, eu não convivi com os alunos.

Isso vai sobrar para quem? Para a formação continuada. Mas nós precisamos dos nossos parceiros, das instituições de ensino superior para fazer esse trabalho, fazer essa parceria. E para que nós tenhamos um professor competente, alegre, feliz e educado, nós precisamos ofertar um mínimo de condições – elas deveriam ser mínimas.

Nós entendemos que não dá mais para um professor fazer um trabalho bonito, tendo que trabalhar em três escolas. Não dá, não é possível. Nós queremos que o professor se dedique a uma única escola, que ali ele vivencie, que ele fique, que ele tenha dedicação exclusiva.

É o nosso interesse, queremos que isso aconteça. E mais cedo ou mais tarde, isso vai acontecer. Então, não é para o professor vir para a escola e ficar quarenta horas na sala de aula, porque você vai adoecer – você vai adoecer.

Nós precisamos, quando vier a dedicação exclusiva, dizer: calma aí, eu não posso ficar quarenta horas em sala de aula, senão eu vou ficar doente e doente eu não funciono. Então, nós temos esse interesse, nós temos esse trabalho a realizar com vocês.

A SEDUC, desde que o nosso Secretário assumiu, ele falou assim: a partir de agora, aqui, não pode ser mais visto como órgão inquisitor, que o professor lá de Cáceres, de Campo Verde, de Peixoto de Azevedo, quando vir a imagem da SEDUC, veja um ambiente onde ele terá total apoio, terá resposta, ele vai se orgulhar em procurar essa instituição, e não somente àquela instituição inquisitória; cobrança, cobrança e mais cobrança.

Hoje, por ordem do nosso Secretário, todos os atendimentos que chegarem, nós teremos que dar a resposta o quanto antes. Isso não quer dizer que nós vamos resolver o problema, mas pelo menos a resposta que você quer, nós precisamos dar, e isso é ordem do nosso Secretário.

Quero dizer, para finalizar, que nós estamos vivendo um momento novo, nós estamos vivendo um momento importante, e este grupo de professores, este grupo de gestores, esta Assembleia Legislativa vai entrar para a história, porque nós vamos transformar a educação de Mato Grosso, não tenham dúvidas disso.

Nós temos a Assembleia Legislativa renovada, com Deputados totalmente comprometidos, ali nós temos um Professor que é presidente da Comissão de Educação, que durante os seus oito anos de mandato como Prefeito nunca enfrentou um dia de greve dos professores, que elevou o piso salarial em três vezes e recebeu – o único da região Centro-Oeste – o selo Prefeito Amigo da Criança. Então, nós podemos contar com a Assembleia Legislativa para requerer essas mudanças.

Nós temos um Secretário que, apesar de não ser professor, é um defensor de uma educação de qualidade, uma educação humanizada, e nós temos um Governador que, acima

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

de tudo, é honesto, não brinca com dinheiro público. Nós temos um Governador que é filho de professora, que é neto de professora e que se comprometeu a ter mania de educação.

Nós estamos nos colocando à disposição para dialogar. Queremos sugestões, queremos opiniões, nós estamos dispostos a fazer as transformações, mas, além disso, nós temos ainda o que há de melhor para a transformação da educação. Nós temos dezenas, centenas de professores e professoras nas unidades escolares que querem mais, que sonham com uma educação melhor, um monte de professor que estão assim: “SEDUC, vem cá, o que eu posso fazer por você? Em que posso ajudar?”

E a SEDUC até agora não abriu os olhos para esse grupo maravilhoso que são os nossos professores. Então, queridos amigos, quero dizer que nós enfrentaremos este ano alguns problemas financeiros ainda, mas estamos dispostos, nos procurem, procurem as Superintendências, procurem o Secretário-adjunto, procurem a Assembleia Legislativa, porque nós queremos conversar, nós queremos dialogar e nós temos desejo de mudança, porque só assim, construindo uma relação honesta, justa e fraterna, é que nós podemos ter educação de qualidade.

Muito obrigado e uma boa-tarde a todos! (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) – Obrigado, Professor Edinho!

Agora, quero ouvir uma estudante, quem das duas vai falar? Podem falar tranquilas, não se preocupem... Pode ser aí mesmo. (PAUSA)

Fique tranquila, fale um pouquinho como está o dia a dia na escola, se a escola está legal, se está agradável, se você está aprendendo, o que está faltando na escola, o que poderia acontecer, o que não pode desaparecer.

A SR^a LUCIANA CAROLINE REZENDE – Boa tarde a todos!

Meu nome é Luciana Caroline, da Escola Professora Ana Maria. Eu quero falar que, neste ano, eu entrei no 1º ano do ensino médio e notei muita diferença, porque eu estava muito acostumada com o ciclo e, quando cheguei ao ensino médio, a minha cabeça ficou muito confusa no começo por causa das notas e preocupações também.

Eu não sou contra nem a favor do seriado, nem do ciclo, porque muitas pessoas falam que o ciclo só empurra os alunos, mas eu acredito que não, porque o ciclo não me empurrou até aqui. (PALMAS)

O ciclo não me empurrou até aqui, porque eu tive interesse em estudar e cheguei até aqui, não foi por empurrão, foi porque eu tive interesse de ser uma pessoa melhor. Muito obrigada! (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) – Está vendo, você falou melhor do que muita gente aqui. (RISOS)

Luciana, qual é a escola? (PAUSA) Vou registrar aqui: Ana Maria das Graças Noronha.

Está vendo, Luciana, foi excelente a sua fala, até porque, para quem não sabe, todo ensino médio do Estado é seriado. Ela vem da escola ciclada, está no seriado e está percebendo nos primeiros meses, já nas primeiras semanas, algumas diferenças. Então, lá na frente, nós podemos discutir também se o ensino médio vai ser ciclado. Não é isso?

Ela deu um testemunho importantíssimo, ela sente que há uma ruptura, ela sente que há um fosso, uma diferença dos dois modelos, como disse aqui um professor com ênfase: “há, sim, diferenças”. Há, sim, e não são simples, são diferenças graves, grandes entre o seriado e o ciclado. Não adianta querermos tapar o sol com a peneira. Há, sim, diferenças, parece-me que foi o Professor Dimas quem disse.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

Eu anoto tudo que vocês falam, e depois, ainda, assisto ao filme... (RISOS)

Exatamente, o Professor Dimas Santana Souza Neves... Ele está aí ainda? Ele falou: “existem, sim, diferenças entre o seriado e o ciclado”. Aí a aluna veio aqui e testemunhou essa percepção de diferença.

Vamos aqui a mais duas inscrições: da Professora Edna de Laet Ferreira dos Santos, da Escola Estadual União e Força, e a última inscrita, a Sra. Cristiane Barbosa, que é servidora – excelente, uma servidora também usar a palavra – da Secretaria Municipal de Educação. Depois vamos ouvir o nosso representante do SINTEP, o Deputado, a Secretária Municipal, a Sra Nelci, o Orlandir, enfim, a professora Eliene - ainda tem uma meia dúzia para falar.

A SR^a EDNA DE LAET FERREIRA SANTOS – Boa tarde a todos, meu nome é Edna, sou formada em Biologia pela Universidade do Estado de Mato Grosso, tenho especialização e mestrado por essa instituição. Sou professora na Escola União e Força desde 2000.

Professor, Deputado, eu tenho vivência em todos os sistemas, já fui aluna, como todo mundo aqui, do seriado; fui professora do seriado e, hoje, sou professora do ciclo; então, tenho essa vivência, já permeei vários sistemas.

Bem no início, quando o ciclo foi implantado, houve uma rejeição, porque na quinta série começaram a chegar os alunos que não estavam alfabetizados. Houve uma rejeição muito grande, inclusive minha. E eu achei aquilo inadmissível, comecei a questionar, e o que nós fizemos? Nós fizemos um plano, um programa de educação, um plano para ser implantado dentro da escola... Estou nervosa. (PAUSA)

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) – Professora Edna, a senhora está indo muito bem, fique tranquila, aqui estamos entre colegas, somos todos iguais. Gostei quando a senhora falou: “professor”. Sou professor, colega; estou Deputado, mas sou professor, não sou médico, dentista, fazendeiro ou empresário. Sou professor, estou, estou... Daqui a pouquinho, a turma mete o pé, estamos saindo; quem manda é o povo. Então fique à vontade, a senhora está em casa, ninguém aqui é melhor do que o outro, nós estamos entre iguais.

A SR^a EDNA DE LAET FERREIRA SANTOS - ...Então, fizemos um programa e encaminhamos para a SEDUC, ele continuava com seriado, mas tinha outra percepção.

A princípio, o Conselho aprovou, aí nos ficamos um ano com esse plano, quando chegou no ano seguinte, não teve como continuar, apesar de ter sido aprovado, por quê? Porque o sistema dentro da Secretaria não era conivente com essas mudanças, nós tivemos que voltar: “Vamos enfrentar o ciclo”. Enfrentamos o ciclo e, hoje, coloco-me como defensora do ciclo, porque como aluna eu me lembro de vários alunos que foram ficando para trás. Isso não pode acontecer, e no seriado acontecia – não pode. Hoje eu estou fora da sala de aula, porque eu tive um problema de saúde, e eu trabalho como articuladora de alunos que já estão com idade avançada e estão com problema na alfabetização. Nós precisamos ter esse tipo de trabalho dentro da escola.

Eu quero falar um monte de coisa ao mesmo tempo, então, eu tenho que ler, porque na minha escola nós fizemos um documento, e eu gostaria de fazer valer a opinião dos meus colegas. Eu vou lendo e comentando ao mesmo tempo.

Qual é o papel da escola pública hodiernamente no interior de uma sociedade desigual? Devem-se incluir, de fato, discentes ditos com dificuldades na aprendizagem, motivos

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

que fizeram com que o ciclo de formação humana fosse implantado no Estado de Mato Grosso, ou excluí-los?

O modelo da escola em ciclos não trouxe as mudanças propostas, pois pouco se investiu para que ele se sustentasse, não houve as mudanças necessárias, tais como: estrutura física e pedagógica; formação continuada; organização do espaço, tempo, aprendizagem, para que a proposta contemplasse o pretendido.

Todavia, não se pode retroceder os avanços que o ciclo de formação humana trouxe para a educação mato-grossense. Porém, temos que fazer mudanças necessárias, para que os objetivos sejam alcançados.

Isso significa investimentos, direcionamento de verba pública para educação pública. Enquanto não houver investimentos, enquanto não houver investimentos, nós teremos muitos problemas, muitos mesmo, não só esses.

Se hoje percebemos os problemas, os desafios – vamos dizer assim –, é porque eles, entre aspas, “os alunos problemas”, não evadiram, eles estão na escola, eles estão dentro da escola. Se existem problemas, é porque eles estão ali, nós temos que resolvê-los. Estão dentro da escola e precisam ser incluídos de fato.

Um dos investimentos primordiais é o retorno, como já dito aqui, do articulador. Não tem como ter ciclo sem articulador, é a necessidade básica, e dedicação exclusiva, não o professor que pega aula e sobra, e então ele tem que pegar dez; não, exclusividade, nós precisamos desse retorno, urgente.

Outras mudanças assim necessárias e que nós vimos discutindo, há muitos anos, na educação, que é a presença do Psicólogo e do Assistente Social, isso não é problema do ciclo, isso é problema do Estado de Mato Grosso, nós temos que resolvê-lo, temos que resolvê-lo, é algo grave.

A promoção automática surgiu para garantir o direito do aluno a ser escolarizado no tempo previsto em lei, respeitando a idade, fase e ciclo, conforme a Resolução nº 04/2010-CEB/CNE e a Resolução nº 262/02 – CEE/MT, mas esse processo de enturmação não foi garantido com intervenções pedagógicas necessárias e conforme previsto em lei.

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) – Está indo bem, Professora Edna. Eu já anotei duas folhas sobre o que você falou: que o professor articulador tem que voltar – o Dimas também tinha falado disso –; do aluno problema, que na escola seriada ele é excluído e na escola ciclada, ele continua, e a escola tem que se virar e resolver o problema; que as mudanças são necessárias para continuar aprimorando o ciclo; que o grande problema da escola seriada é a exclusão definitiva, que você também no início era contra, mas com o passar do tempo você converteu-se ao ciclo e, hoje, defende o ciclo; e que foi aluna da escola seriada, professora, e agora do ciclo e, dentre as duas, você prefere o ciclo. É isso? Estou bom para resumir, não é?

A SR^a EDNA DE LAET FERREIRA SANTOS – Está ótimo, melhor do que eu! (RISOS)

O ciclo contribuiu significativamente com o nosso olhar e agir como professor, levando a repensar o processo avaliativo, perceber a aprendizagem como um processo e não algo estanque, estagnado, nos levou a perceber que o direito à educação não garante apenas o acesso à escola, mas pela permanência de forma qualitativa nela. Portanto, propiciou avanços na educação mato-grossense, valorizando as habilidades e reconhecimentos das vivências dos educandos, porém, a falta de investimentos, tais como infraestrutura, formação continuada, valorização dos

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

profissionais, o sistema administrativo com muitas burocracias, todos esses fatores inviabilizaram o melhor desenvolvimento da proposta.

Aqui há algumas propostas. Faz-se necessário repensar alguns pontos: mudança de atribuição de aula; quantidade de aula-turma para cada disciplina, por exemplo: professor de biologia e de história, ele tem duas horas-aulas, tem que pegar 20 horas, ele passa por 10 turmas; se essa turma for de 30, ele tem 300 alunos, e esse professor tem que avaliar cada um.

Investimentos necessários para o professor realizar e o aluno obter uma educação de qualidade... Eu lembro uma vez que a SEDUC lançou uma possibilidade de financiar projetos na escola, mas não foi para frente. É necessário ter esse financiamento, para que os projetos na escola possam ir para frente. E nós temos projetos muito bons, que são publicados em artigos, como artigos de revistas. Nós não estamos brincando de ser professor.

Finalizando, faz-se necessário também que exista uma avaliação contínua – essa é uma proposta da escola, professor – desse processo dentro das unidades escolares, para se fazerem intervenções quando necessário; formação; reformulação das políticas do ciclo, construindo fundamentos e apoio para as tomadas de decisões, não só no âmbito da Secretaria de Estado de Educação, mas, especialmente, pelos professores e funcionários das escolas.

Nada como quem está dentro do processo para avaliá-lo. Podemos propor três entes avaliativos: as fortalezas, que são os fatores que estão contribuindo com o bom andamento do processo ensino-aprendizagem; as fraquezas, o que precisa ser melhorado; e propostas, que são sugestões surgidas no interior das escolas e, com base nelas, implementar ações e, assim, ocorrer mudanças de fato no processo de ensino-aprendizagem, sobre um fazer pedagógico, para superação das dificuldades constatadas. Assim poderíamos, juntos, transformar a educação mato-grossense.

Muito obrigada! (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) - Muito bem, Professora Edna de Laet. Obrigada pela participação e, principalmente, porque a senhora trouxe propostas.

Agora vamos convidar a última inscrita, a Sra. Cristiane Barbosa, servidora da Secretaria Municipal de Educação de Cáceres.

A SR^a CRISTIANE BARBOSA – Boa tarde a todos!

Eu sou Cristiane, professora, aluna a vida inteira de escola pública e tive a oportunidade de conhecer um pouquinho do olhar, lá na sala de aula, mas também a parte da gestão pública, porque atualmente exerço o cargo de Coordenadora Administrativa, na Secretaria.

Como o Deputado, eu também fiz um resuminho das várias falas que fomos ouvindo durante esta tarde. Então, diante de tudo que nós ouvimos, eu entendo que seja, inicialmente, prematuro discutir se adotamos a escola seriada ou a escola ciclada. Pelo pouco tempo de implantação da escola ciclada, que é desde 1998, e pelo que nós ouvimos, são tantos relatos aqui, essa implantação só se deu no papel até agora, mas não de fato, porque a proposta da escola ciclada é linda: valorizar o tempo da criança. Perfeito! Mas as escolas até hoje não tiveram condições, estrutura para aplicar aquilo que consta na proposta da escola ciclada. (PALMAS)

Talvez porque um dos índices que era mensurado para que o país recebesse investimento, financiamento, era o índice de evasão e repetência. Então, precisávamos reduzir esses índices, maquiagem as estatísticas.

Outra situação, ela é prematura, além de prematura, eu penso que essa discussão não é prioritária. Prioritário, aqui, é nós pensarmos no que o representante da SEDUC falou: que é ofertar aos nossos alunos uma educação de excelência.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

E como é que nós vamos alcançar essa educação de excelência?

Nós, constantemente, colocamos foco no ensino. Como eu vou trabalhar com o meu aluno? O que eu vou ensinar para o meu aluno? Penso eu que o foco deve ser na aprendizagem, temos que entender que aluno nós temos.

Nós falamos tanto da questão social, a base familiar mudou tanto. Então, que aluno nós temos? E ter a clareza, na outra ponta, que cidadão nós queremos formar.

Diante disso, nós vamos saber quem temos e o que queremos formar, e se nós pararmos para pensar, como é que o nosso aluno aprende também, vamos ter a clareza de qual a melhor estratégia para ensinar-lhe.

Outras coisas que eu anotei aqui também é que nós não vamos alcançar essa excelência, essa qualidade na educação, tão falada aqui hoje, se não falarmos da valorização do profissional da educação.

O professor, como já foi dito aqui por muitos, assume vários papéis; ele é professor, psicólogo, assistente social, tanto é que na Secretaria, na parte administrativa, a maioria dos atestados médicos que nós recebemos é de psiquiatra. Os professores estão cansados, e aqui nós temos o nosso Deputado, que é psiquiatra, e é meu médico também, porque já tive que recorrer a isso. Então, é uma questão de saúde pública.

Tenho sim que valorizar o nosso profissional e tenho que pensar isso quando? Lá no orçamento. A educação precisa ser prioridade no planejamento orçamentário, tanto do Estado quanto dos municípios, se isso não for garantido lá no orçamento, depois, não será possível aplicar.

Nós ouvimos muito isso: “eu não posso aplicar, porque o recurso não foi orçado”. Pensemos na educação na hora do planejamento orçamentário, e nós temos que estar atentos. Nós, professores, precisamos entender e procurar conhecer o orçamento, sim, para poder cobrar que sejam planejadas ações que vão refletir lá na nossa sala de aula. Então, é isso que quero deixar, essa mensagem para vocês.

Obrigada! (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) – Muito bem, Cristiane Barbosa, encerramos a participação da plenária com onze participações: do Professor Régis, que deixou um documento muito importante sobre a mesa; da professora Ana Antônia Neves; do Professor Carlos Alberto Amado, do SINTEP de Mirassol D’ Oeste; da Professora Renilda, da zona rural; do Professor Dimas, da UNEMAT; do Professor Weily Toro Machado, da UNEMAT; da Professora Maria José, da Secretaria Municipal de Educação; do Professor José Maria Souza, o Professor José é Diretor da Escola Estadual 11 de Março – o Professor José Maria não falou? Cadê ele? Por favor, Professor José –; da Professora Edna de Laet Ferreira dos Santos e da Professora Cristiane Barbosa. Foi bom fazer a leitura completa porque corrigimos uma injustiça.

Com a palavra, o Professor José Maria Souza, Diretor da Escola Estadual 11 de Março.

O SR. JOSÉ MARIA DE SOUZA - Boa tarde a todos!

Eu sou José Maria de Souza, quero agradecer imensamente pelo protagonismo da Assembleia Legislativa, mas também fazer uma autocrítica a nós, porque essa iniciativa deveria ser nossa, como educadores.

Eu acho que a sociedade defende muito pouco a educação, e naquilo que ela defende, não sabe exatamente qualificar o que seria essa melhoria na educação.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

Eu fico bastante preocupado quando vejo algumas falas, alguns discursos dizendo que daqui a vinte anos, daqui a trinta anos, nós vamos ter uma educação melhor.

Se nós vamos atingir isto daqui a vinte ou trinta anos, eu fico pensando nos países que já atingiram isso, em que patamar eles estarão?

Eu fico pensando que há muitas coisas na educação que dependem, sim, do aporte financeiro, mas existem outras que não dependem disso. E muitas vezes, eu acho que se investiu muito pouco em iniciativas que levassem em consideração este aporte, que não é financeiro, que é o recurso humano.

Quando nós estamos falando nisso... Bom, uma lacuna de quatorze anos depois para retornar numa discussão como esta já demonstra em que nível os nossos gestores foram deixando o processo educacional.

Eu penso que hoje a SEDUC se tornou muito técnica, se perdeu muito daqueles mentores desse processo de implantação da escola ciclada, e não se refez esse trabalho dentro da SEDUC, porque nós sabemos que as indicações políticas que lá existem, deveriam levar em consideração que teriam que ser retiradas no contexto da educação ou no contexto de competências necessárias para fazer transformar o processo educacional.

O fato é que a sociedade, hoje, viu que não avança mais se não investir em educação.

E quanto mais investir em educação, caros colegas, nós vamos ser mais cobrados. O meu receio não é ser cobrado do ponto de vista daquilo que nós somos competentes, que é teórico, na nossa práxis. A minha preocupação é essa enorme burocracia, essa enorme cerimônia que nós vemos de burocracia, num sistema que parece que é maior do que qualquer um. Então, eu vejo que esse protagonismo é importante, há uma falha, inclusive, do nosso sindicato, de nós como sindicalizados, em levantar essa discussão.

Quero lembrar o nosso gestor da SEDUC que a LOPEB foi – digamos assim – esmiuçada, ela foi desestruturada pelos governos que foram passando, principalmente pelo nosso ex-governador Blairo Maggi, que desestruturou muito esta LOPEB, a deixou em segundo plano. Hoje, nós vemos várias funções da educação fora de um plano de carreira.

Eu tenho dito para os colegas do sindicato, e digo para todos aqui, que nós precisamos retomar a discussão do que é que significa a carreira docente no Estado de Mato Grosso. E nós temos pecado nisso, porque temos feito esses acordos, que ficam a critério do governo em cumprir ou não cumprir. Pode ser que agora se cumpra alguma coisa.

E o carro chefe das nossas reivindicações tem sido, claro, justamente a questão financeira, mas o que adianta nós angariarmos alguns percentuais de recursos e para as mesmas condições de trabalho que nós enfrentamos, sem grandes mudanças. Numa Secretaria que hoje não tem nem 10% mais de condições de investimento, porque ela está toda – digamos aí – “encharcada” com gastos e com os salários que, muitas vezes, são maiores, mas não são os nossos.

Basta ver – Deputado Wilson Santos e Deputado Dr. Leonardo, também o nosso representante aqui, todos da mesa e nossa Secretária Municipal – que no Estado nós já temos um número grande de mestres e doutores, que ganham uma diferença de uma especialização para um mestrado no valor de R\$ 600,00. A percepção de um mestrado para o doutorado é menos de R\$ 1.000,00. Isso é uma vergonha para um Estado que hoje, se reunisse esse pessoal qualificado e desse algumas funções... O que é que o pessoal tem buscado hoje?

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

Aí você conclui... Vai à SEDUC e falam assim: olha, Professor, agora o senhor tem dois anos para voltar para a escola e pagar esse tempo, é um compromisso, mas o senhor não vai nos deixar, porque geralmente é assim que fazem os professores quando concluem o mestrado. Então, esse foi o caso.

E quando conclui o Doutorado, aí sim, mesmo que o professor, muitas vezes, deixe a rede estadual... Poucos ficam, exatamente por essas condições que não avançam e porque precisamos reestruturar a carreira.

Então, eu fico atônito de ver que nós temos o potencial para mudar, para melhorar a educação, nós temos gente boa, e nós temos uma coisa que é horrível dentro do processo educacional – a colega mencionou e outros mencionaram –, que é a atribuição de aula. Não existe atribuição, mais, de aula no Estado de Mato Grosso, existe “atribuição de aula”, porque primeiro se faz uma programação de semana pedagógica; então, você começa no dia 28 de janeiro, geralmente 26 a 28, você começa uma atribuição por efetivo; aí, não dá conta, atravessa o mês de fevereiro, junta o início da semana pedagógica e vem o interino, ou seja, nós não discutimos temas fundamentais, problemas fundamentais da própria escola local, daquele local de trabalho.

Quiçá nós consigamos discutir problemas maiores da conjuntura do município, da conjuntura do Estado.

O fato é que nós temos um problema sério, nós temos uma formação continuada, da qual os nossos colegas do CEFAPRO... Primeiro, nós estamos num país que não nos dá tudo, nos dá a conta-gotas as coisas.

Nós lutamos para ter um centro de formação continuada, o qual também enfrenta dificuldades para fazer uma formação continuada que leve em consideração todas as necessidades de todas as áreas, porque senão você teria que ter... E você não tendo um aporte de recursos, geralmente o que acontece? A pessoa que está lotada no CEFAPRO vai começar a se deslocar aos municípios para fazer uma formação continuada pela metade, para o final do ano. Ou seja, há muita coisa que se deve corrigir.

Dentro do contexto da escola, nós temos, por exemplo, hoje, a desvalorização.

Vejam bem, se coloca uma responsabilidade bastante grande em cima do gestor, do diretor, ele é cobrado. Inclusive, ainda ontem eu conversava com uma colega que está respondendo um processo no Fórum, porque o menino perdeu o dedo e ela não tem um advogado, nem é assistida pelo sindicato e pela SEDUC. Ela está gastando dinheiro do bolso dela, e ainda a mãe e o advogado que estão processando, ela e outra professora, estavam falando assim: “nós iremos arrancar todo dinheiro de vocês”. Ou seja, significa que se ela conseguiu oito anos, nas duas gestões em que ela foi eleita e reeleita, não vai conseguir sequer com tudo que arrecadou, que não deu R\$ 40.000,00, nesse processo, que é uma vergonha o adicional que se paga no Estado.

Por quê? O pessoal do Grupo TAF ganhou R\$ 4.800,00 por quase uma década, sem incidir no imposto de renda, e o gestor, dentro de uma escola, ganha míseros – por cabeça de aluno, como já foi dito aqui –, no máximo, por exemplo: R\$ 2.100,00, e vai incidir imposto de renda, que vai resultar, disso, em torno, dependendo do nível que estiver, aproximadamente R\$ 1.100,00, para ser responsável por uma escola, muitas vezes, de grande porte, com complexidades grandes, enfrentando, muitas vezes, alunos oriundos de gangues. Ou seja, nós temos que repensar.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

Aí eu volto para uma questão, para concluir, que são as assessorias pedagógicas: os nossos colegas levantaram que há falhas dentro das escolas cicladas, realmente, é a falta de equipes multidisciplinares.

Lembro-me de quando eu estive coordenando o Programa Se liga e o Acelera Brasil. Nós tínhamos um aporte de quase mil alunos, e os professores pegavam os alunos e iam atrás de psicólogo por psicólogo, tentando um atendimento gratuito.

Por quê? Porque o Estado, a Secretaria de Educação, não tem essa visibilidade. Se você pegar uma assessoria pedagógica, colocar lá um psicólogo, colocar algumas pessoas que, digamos, podem ajudar nesses diagnósticos, isso é investimento na educação. O problema é que nós precisamos também amadurecer o que é investimento e o que é custo na educação.

Outra coisa, nós precisamos estruturar essas assessorias pedagógicas. Não pode só atrelar-se a uma figura de um técnico, de assessor pedagógico; precisamos também estruturar os CEFAPROs, que não podem ser só centros de formação, nos quais os profissionais fazem o que eles podem alcançar. Mas locais para o profissional, o professor, ter o respaldo para as discussões teóricas e para implantação de políticas educacionais, ou seja, há uma necessidade de rever tudo isso.

A escola ciclada, para mim... Eu acho que o ensino fundamental, para concluir, é obrigatório, não deve haver reprovação mesmo, eu tenho absoluta convicção disso. O problema é que a reprovação está ligada à não aprendizagem. Então, o que acontece? Na escola seriada não aprendeu, reprova-se. O problema é que na escola ciclada não é assim, e aí como é que se faz? Exclui? Deixa-o à margem? Ele fica à deriva no sistema? Fica para trás? Como é que se faz?

O problema é que nós precisamos mudar o foco das nossas formações. A universidade nos formata para ensinar, e nós vivemos em torno do ensino. Na verdade, nós deveríamos nos preocupar com a aprendizagem, essa questão é crucial. Nenhum aluno ou professor teria que se comprometer ao máximo. E você ainda fica brigando com os colegas, porque um faz recuperação duas ou três vezes e o outro não faz nenhuma.

Acho que o ponto principal da escola ciclada – quando ela começou, eu estava em Pontes e Lacerda, dei aula na Escola Dormevil Faria e aqui na escola Natalino Ferreira Mendes, antes de ir para a escola 11 de Março em 2006 – é que os professores aboliram de cara a avaliação, a maioria passou a não avaliar mais.

Eu acho que a avaliação é a única garantia que nós temos dentro do sistema, e os professores que retomaram isso, que hoje avaliam... É uma condição de visualizar como é que está essa aprendizagem, isso é sistemático.

São vários aspectos que não se esgotam aqui. Tem uma dimensão bastante ampla, mas vale o protagonismo, a preocupação; e assim como o Dimas disse... Eu fui militante do PT por treze anos e esperava, durante esse tempo em que o Ságuas esteve como gestor, que avançasse mais, além da questão técnica.

Muitas vezes, ficou muito nessa questão técnica, mas é importante também, porque hoje as condições serão outras e nós poderemos avançar de outra forma, para isso é preciso formar equipes dentro da SEDUC, gente capacitada para isso, porque o que faz mover a máquina é gente; sem gente competente, capaz, para fazer uma discussão teórica, para implementar as coisas, não vai acontecer, vamos ficar só no debate. (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) – Muito obrigado, Professor José Mario de Souza.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

Convido para fazer uso da palavra, a professora Rinalda Bezerra, Diretora de Licenciaturas, neste ato representando a Magnífica Reitora da UNEMAT, Dr^a Ana Maria Di Renzo.

A SR^a RINALDA BEZERRA CARLOS – Cumprimento o senhor, Professor, porque antes de Vossa Excelência ser Deputado, é professor; cumprimento a mesa e as autoridades em seu nome; cumprimento a Professora Luciane do CEFAPRO, em nome dos nossos professores; cumprimento, também, a aluna Luciana, que já saiu, que é a razão maior de nós estarmos aqui.

Queremos agradecer a nossa participação e seria de se estranhar se a universidade não estivesse aqui. Queremos pedir licença para dar alguns esclarecimentos, para que possamos saber em que vamos trabalhar, por onde nós vamos caminhar.

Se nós não tomarmos pé de toda essa discussão, vamos perder o foco e mais uma vez correremos o risco de fazer discussões, discussões e discussões e, também, de não levar a nenhum protagonismo.

Nesse sentido, eu gostaria de dizer, primeiro, que a Universidade Estadual de Mato Grosso, representada pela Professora Ana Di Renzo, logo no início dessa gestão do Governo do Estado, foi bater nas portas do Governo para dizer: a Universidade do Estado de Mato Grosso está aqui. E como universidade pública e do Estado, nós temos que ter parte e pensar as políticas de educação deste Estado. Nós não entendemos como se pensa educação neste Estado com uma universidade que é construtora do conhecimento, uma universidade que está a serviço do Estado e nós não discutimos educação. Nós entendemos que esse papel é essencial, é primordial, para que possamos, também, discutir; então, não dá para discutir isoladamente.

Quando nós fomos convidados – e ontem eu representei a UNEMAT – automaticamente nós nos colocamos como um dos representantes na comissão.

E para os senhores entenderem que comissão é essa, como está a portaria e o que nós vamos fazer, até porque nós estamos falando, falando e falando, e a primeira chamada que eu recebi do e-mail foi assim: “a discussão sobre o fim da escola ciclada e início...” Então, essa foi a primeira chamada.

Eu gostaria de chamar atenção como professora e como universidade, que para nós fazermos um debate desses, é necessário que nós divulguemos amplamente, para as pessoas se organizarem e para que elas venham aqui preparadas.

É importante para que nós possamos situá-las, até para que todos os segmentos se organizem, porque, mesmo tendo quinze anos de escola na proposição do ciclo de formação humana, na proposição – e essa é a minha posição como Professora Rinalda – nós deveríamos ter todos os segmentos aqui, e nós não os temos. Essa já é uma análise que deveríamos fazer a partir de agora, enquanto comissão.

Então, neste momento, eu gostaria só de esclarecer para a comunidade quais são, de forma tranqüila, e dizer quais os segmentos representativos dessa comissão e que o objetivo dela é promover estudo sobre o sistema ciclo de formação humana, porque se assim não fosse, nós enquanto universidade não estaríamos aqui fazendo parte desse processo.

E uma das condições, uma condição *sine qua non*, de nós estarmos sentados à mesa – eu, enquanto professora do Departamento de Pedagogia da Universidade do Estado de Mato Grosso, estou dizendo que nós estamos aqui para, primeiramente, ouvir a voz dos autores e não dos atores, porque vocês e eu somos autores de um processo e a educação só existe se nós estivermos nessa comunidade; então, nesse sentido, essa é a nossa proposição.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

Nós perguntamos à sociedade neste momento e perguntamos para todos os segmentos: diante desses quase quinze anos, qual é o nosso entendimento sobre o ciclo? Ciclo é uma coisa que se fecha ou é uma coisa que é sempre espiralada? O que é formação? É aquilo que eu já estou formado e informado ou é aquele processo permanente? Porque, aí, resume o que o Professor Dimas e o colega colocou, como ele e todos os outros professores aqui falaram.

Qual é a concepção de formação que nós temos? E qual é o ser humano que nós nos humanizamos enquanto sujeitos históricos, porque nós podemos ser sujeitos passivos nesse processo de formação.

Nessa perspectiva, eu chamo a atenção da comunidade para voltar aos seus espaços, aos seus pares, discutir com seus pares sobre esses três nomes, e que formam um trio só, e então, professor José Maria Souza, quando o senhor fala: “o país nos deu o direito”... Não! Fomos nós que conquistamos todos os direitos até então, ninguém nos deu nada, nada nos foi dado, nós conquistamos todos, Professor. Só para consertar a sua fala, e acho que o senhor vai entender também.

E quando nós falamos do processo de ensino-aprendizagem para entender o ciclo de formação humana, eu estou falando não no processo que nós podemos defender isso ou aquilo. Quando nós pensamos no processo de ensino-aprendizagem, nós não podemos passar só na perspectiva de ensino, porque no meu entender, como Professora, o ensino e a aprendizagem são dialéticos, não existe ensino se não houver aprendizagem.

Nesse sentido, Professor José, nós precisamos conversar com nossos pares, qual é a concepção de ensinar e aprender, porque ela é dialética. Nesse sentido, nós precisamos voltar e redimensionar entre nós, porque falar de educação para nós é uma coisa muito séria, é a nossa vida, é a nossa alma e é o nosso futuro; não é o nosso presente, porque nós já temos o material para discutirmos com o nosso passado.

Hoje, o Estado de Mato Grosso protagoniza, Professor Wilson Santos... Eu estava na PUC fazendo uma discussão com o pessoal da Fundação Getúlio Vargas, quando eles me disseram: a política de formação continuada no Estado de Mato Grosso é uma das mais sofisticadas e vocês foram protagonistas no processo de formação continuada.

Ótimo! Eu fiquei orgulhosa! Só que eu volto aqui, fecho as portas e vamos conversar entre nós, o que nós entendemos por formação continuada?

Quando nós trabalhamos centro de formação, nos temos que dar autonomia para os centros. Nós não somos preceptores do governo, porque somos pessoas pensantes. E quando nós paramos de fazer isso, não conseguimos ser autores, nós conseguimos ser atores. Então, nós queremos entender qual é a concepção, de onde nós partimos para essa concepção.

E nós saímos de lá com uma agenda, essa agenda será quinzenal, dia 21, e assim sucessivamente, nós estaremos estudando. Será aberto no *site* da SEDUC sobre esta comissão, não é voto, porque hoje falar em educação não é dicotômico, mas é dialético. Por isso, entrem no *site* e coloquem os seus posicionamentos.

O que me assustou foi que eu só escutei um diretor de escola, não escutei um coordenador pedagógico, eu não escutei um pai, uma mãe. Então, não dá para discutir educação se não fizemos essa triangulação. Todos nós que participamos desse processo estamos convocados para pensar em educação, porque educação é um ato político, partidário ou não, mas é um ato político. Então, nós precisamos dessa participação.

E qual é o papel da universidade nesse processo? Nós não entendemos como é que temos um centro de formação se não pensamos essa formação com a universidade. Nós não

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

entendemos que de repente e historicamente as políticas de Estado e nacionais estão vindo de cima para baixo, e nós sabemos que historicamente todos os nossos autores e pesquisas têm dito, e eu posso provar cientificamente, que não dá mais para fazer formação sem colocar o sujeito se formando na centralidade.

Pacotes são feitos, e quando eles são colocados de cima para baixo, são fadados ao fracasso. Então, quero dizer que se não colocar na centralidade o professor, o aluno, os coordenadores, os supervisores, os pais e toda a sociedade representativa, nós não temos uma formação, porque temos que discutir qual é a concepção de formação continuada e que continuidade é essa que nós queremos dar.

Nesse sentido, eu me senti contemplada na fala de outros colegas, para resumir. Então, professores, preocupa-me muito quando falamos em educação de excelência. E aí há três anos, quando eu estava terminando a formação continuada, uma qualificação, quando eu vi o *ranking*: “Mato Grosso, um dos dez primeiros estados que não reprova”.

O que significa reprovar ou não reprovar? O que significa educação de excelência? Voltemos para os nossos pares, olhemos as nossas instituições e vamos definir o que é que nós entendemos por qualidade e o que nós definimos por excelência. O que é excelente para você, pode não ser excelente para mim. Então, vamos discutir esses termos também, é importante trabalhar essas posturas.

Quando nós falamos, sobretudo, de protagonizar, eu só protagonizo quando eu sei qual é o papel que eu cumpro. Nesse aspecto, o que é que me atribuiu, o que eu vou aderir e o que nós vamos transformar? Se eu tiver consciência do que eu quero fazer, do que nós queremos fazer, aí o projeto não é individual, Professor; o projeto é institucional, o projeto é do Estado. Não é me beneficiar, e que todos nós saíamos acrescidos nesse processo.

Então, a nossa proposta enquanto Universidade do Estado de Mato Grosso é nos reunirmos com os nossos pares, é discutir qual é o nosso papel frente a isso, mas, sobretudo, entendendo que essa discussão tem que ser absolutamente aberta, democrática e participativa.

Nós teremos muitas outras coisas, mas entendendo e respeitando o seu tempo e o tempo nosso. Nós queremos parar por aqui.

Muito obrigada! (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) – Muito obrigado, Professora Rinalda.

O próximo inscrito é o Professor Orlandir Cavalcanti, presidente do SINTEP-Cáceres; depois nós temos o Deputado Dr. Leonardo, a Secretária Neuci, o Laércio, a Vice-Prefeita e eu faço o encerramento – daqui para meia-noite nós saímos daqui. (RISOS)

Com a palavra, o Professor Orlandir Cavalcanti.

O SR. ORLANDIR CAVALCANTI - Boa noite – já é tarde-noite – para todos e todas!

Cumprimento o Deputado Wilson Santos, lembrando que já demos aulas juntos, em cursinhos para vestibulares, há alguns anos, há muito tempo, eu não tinha o cabelo grande na época e ele tinha mais cabelo. (RISOS)

Primeiro, eu quero parabenizar pelo protagonismo da Assembleia Legislativa no seu papel de fomentador do debate. E quero reportar, Deputado, uma situação que eu acho que é importante e até vamos resgatar isso.

Em 2013, o Conselho Estadual de Educação, juntamente com o SINTEP, nós realizamos a Conferência de Avaliação da Escola Ciclada, chamada CONEC, na qual foram

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

protagonistas nesse processo de avaliação da escola ciclada, e por uma questão institucional ficou determinado que a SEDUC publicasse o documento final, inclusive foi pauta da nossa última greve no Estado, um dos pontos da pauta era a divulgação e a publicização do documento sobre a escola ciclada, organizada em ciclo de formação humana.

Aqui em Cáceres, nós fizemos a etapa municipal, participamos também da etapa regional e estadual no Hotel Fazenda Mato Grosso. Então, só para dizer que já há trabalhos que foram feitos. Nós não estamos começando do zero, nós já temos um trabalho. Talvez seja interessante questionar por que a SEDUC não quis divulgar esse documento. E pelo tom da conversa aqui, nós já sabemos o motivo, porque o grande responsável pelo insucesso ou a insatisfação em relação ao ciclo de formação humana se deve à parte de gestão.

E aí, Deputado, eu fico preocupado com essa visão de gestão economicista para a educação, porque o que está matando o ciclo é a visão do fazer mais com menos, e em educação, Deputado, isso não existe; em educação se faz mais com mais, e mais com mais mesmo!

Quando se discute a questão de financiamento dos recursos e a questão dos recursos, o SINTEP colocou como pauta das nossas reivindicações da última da greve, a autonomia financeira da SEDUC, ela tem que ter autonomia financeira, porque quando se coloca nos projetos de cada escola, nos PPPs de cada escola, determinados recursos, há uma burocracia, ainda, para ser aprovado ou não. Ora! E a autonomia da gestão da escola? Para que existe o Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar, que inclusive assina, acompanha e avalia?

A nossa grande preocupação é essa, e eu fico preocupado, Deputados e companheiros aqui presentes, é que quando se propôs a escola ciclada, a frase que eu ouvia, naquele tempo, era a seguinte: “novos olhares, novos fazeres, novos espaços e novos atores dentro da escola”. E eu me assustei com a fala do representante da SEDUC, quando ele colocou aqui, mencionou os profissionais da educação, mencionou o professor.

Eu sou técnico administrativo, eu tenho um papel dentro da escola ciclada, que não está sendo visualizado. Dentro da escola ciclada, existe uma merendeira, que não é a tia que faz a merenda, não! É uma educadora que lá está.

E o discurso da SEDUC nesses últimos meses está me deixando de orelha em pé, nessa questão profissional. Não se fala dos outros atores envolvidos no processo educacional, que são os vigias, os técnicos administrativos, o pessoal não docente, que está presente na escola, e aqui neste espaço – olha que interessante – tem técnicos, tem pessoas do apoio, então, perceba a concepção e o nível profissional que o Estado de Mato Grosso tem. O Estado de Mato Grosso tem bacharéis em Direito, técnicos administrativos, bastante; nós temos merendeiras com licenciatura, muitas; subaproveitados, subaproveitados dentro de uma visão economicista da educação.

No fundo, no fundo, a nossa preocupação é justamente quando nós falamos na questão de valorizar o espaço escolar, enquanto espaço de aprendizagem. Valorizar o espaço escolar, enquanto se fala de ensino e se fala de aprendizagem, porque a escola ciclada exige um novo olhar para esses espaços e o que nós vemos são essas escolas assumindo os projetos que vêm numa outra roupagem, que simplesmente inviabiliza a prática do apoio educacional, porque tem que ceder sala para o pessoal do projeto Mais Educação, ceder sala para o pessoal da capoeira, ceder sala... Enquanto o processo do ensino-aprendizagem fica prejudicado.

Realmente, tem que se aumentar... Como disseram os companheiros aqui, pensar um pouco na questão da atribuição das aulas, a questão dos cargos dentro das unidades,

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

das funções – melhor dizendo, não cargos –, porque nós temos uma lei que já coloca, e eu acho isso interessante, quando nós discutimos a educação como um todo, não simplesmente se é escola ciclada ou se é escola seriada.

E as angústias que os companheiros trouxeram aqui, são as mesmas que nós ouvimos há três ou quatro anos – são as mesmas. Quer dizer que nada mudou. Então, a parte de gestão é realmente a parte da efetivação da escola ciclada.

Outro ponto interessante nesta Audiência Pública é que está faltando o essencial, que é a comunidade. Aqui se tornou um debate. Lógico, é válido, essencial, mas feito por nós que já militamos na educação. Cadê os pais dos alunos? Cadê a mãe daquela aluna que chega lá, até hoje, na secretaria da escola e fala assim: “eu vim pegar o boletim do meu filho”. (RISOS)

E nós falamos: minha senhora, já tem catorze anos que não existe mais boletim na rede estadual. “Ah, não tem, então está uma baderna!”. Porque não tem o boletim. Mas não é esse o problema, Deputado. Na verdade, o problema é o seguinte, é que agora essa mãe tem que ir lá e conversar, sentar na frente de um professor e dialogar sobre o processo de ensino-aprendizagem que está sendo construído com o seu filho; e é isso que ela não quer fazer, porque no modelo anterior bastava ir lá, mandar alguém mais velho, filho mais velho, buscar o boletim do irmão. Ele levava o boletim para casa, e ela sabia se estava bom ou não, porque sabia, sabe que se lá está dez, é porque está ótimo; se está cinco, ele não está bem. Então, tem que se mudar a concepção da sociedade sobre a escola por ciclo de formação humana, e aí tudo isso que nós estamos fazendo aqui, vai continuar do mesmo jeito, se nós não colocarmos, realmente, a sociedade para entender.

Eu fiquei assustado quando li a matéria no jornal aqui de Cáceres, pela *internet*, escrito assim... Eu nem tive coragem de ler o restante da matéria, porque realmente eu estava conversando com a Professora Luciane, e fiquei chocado. Não sei nem se eu consigo reproduzir o que estava escrito... “A Assembleia Legislativa programa Audiência Pública em Cáceres para acabar com o sistema que passa o aluno na marra”. Esse era o título da reportagem. E é isso que a sociedade tem aí, certo?

Eu acho que tudo isso é válido, e a Assembleia Legislativa pode contar conosco como sempre, o SINTEP tem um posicionamento sobre a escola organizada em ciclo de formação humana, pode contar conosco. E só para resgatar isso aí, é interessante a Assembleia Legislativa requisitar de forma institucional o documento da CONEC, que eu acho que vai ajudar muito a comissão.

Para finalizar, em relação à comissão, eu fico preocupado com esse tipo de coisa, mandar *e-mail* de manhã para diretor responder três perguntinhas, para voltar depois, no final da tarde. Eu acho o estilo meio *taylorista* de recolher informações. Eu acho uma coisa assim, meio estranha; manda duas ou três perguntinhas pela manhã, para voltar para responder. E aí reúne dois coordenadores, lá no cantinho da escola, e responde. É lógico, como vai querer ter uma resposta, acho que tem que se pensar na forma, também, de colher essas informações, para não darmos com os burros n'água e achar que estamos atendendo o que a sociedade quer. (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) - Muito obrigado, nosso colega Orlandir.

De fato, com essa cabeleira toda que você está, eu não o reconheci. (RISOS)

Boa sugestão, Orlandir, nós vamos solicitar esse documento, sim, é um documento importante. A Secretaria de Educação de Rondonópolis fez essa avaliação no

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

município e encaminhou, nos entregou na Audiência Pública. Fica uma sugestão para que os municípios possam... Onde há, é claro, no caso aqui não é o ciclo de formação, mas é o seriado, penso que também precisa ser avaliado.

Com a palavra, o nobre Deputado Dr. Leonardo.

O SR. DR. LEONARDO - Em respeito àqueles que ficaram aqui, falar o que, depois de tantos bons oradores que por aqui passaram, Professor? Eu disse ao Professor Wilson Santos que se não falar nenhum aluno, eu vou falar como aluno dele, que fui na minha juventude, faz pouco tempo, mas é um prazer.

Já dispensando as etiquetas, pelo adiantado do horário, cumprimento a todos.

É uma honra estar nesta Audiência Pública pela Assembleia Legislativa, não tinha pessoa melhor do que o nosso Deputado Wilson Santos, que é um professor que tem chão, tem giz e tem conhecimento para presidi-la.

Temos que sair do discurso teórico e trazer a prática da vivência daqueles que ensinam e que educam. Aqui, independente da bandeira, de partido, de quem já passou, de julgarmos e colocarmos o dedo, temos que saber que o Estado, a máquina falhou na construção do ensino deste País.

Na década de 40, ser professor era a profissão mais valorizada, quem mais ganhava. O ensino era, particularmente, para aqueles que tinham dinheiro, eram os burgueses, Professor Dimas, que procuravam nos grandes centros. Depois vem a década de 70, universalizando o ensino, a educação, eu não preciso nem dizer o que aconteceu. E um novo ciclo agora, pós-década de 90, no final da década de 90, que eu já peguei o finalzinho, que se criou um novo modelo.

Eu que passei pela escola pública no Estado do Paraná, no final da década de 80 e começo da década de 90, bem diferente da escola pública que eu passei aqui, que, inclusive, o Professor Amado estava ali, ele já foi da Escola Padre Thiago, que eu estudei; do Professor Fofão, que já morreu, era diretor à época e da Professora Sueli, sua esposa, que também já morreu. (PAUSA) Do Professor Éder? Lembro-me sim, com certeza, eu peguei todos eles; lembro-me com muito carinho. E estudamos em vários colégios, nas escolas particulares de Mirassol d'Oeste, na Escola Monteiro Lobato; enfim, temos vivências diferentes.

Quando se falava de escola ciclada no Paraná naquela época, na década de 90, era para aquele aluno que não conseguia acompanhar a série, passava para outro período, para ciclar aquela mesma matéria, para ver se ele continuava, o empurrava. Era outra percepção, porque se discutia o embrião, naquele momento, no Estado do Paraná.

Nós pegamos gestores que agiam de forma não republicana – vamos dizer uma palavra bonita, para não dizer outra, inconseqüente. Construíam escolas, salas de aula, de forma que a engenharia civil não aprovava, para ter desvio de recursos, e faziam salas com má climatização, sem condições sonoras, colocando os professores em salas cada vez maiores, para falar mais alto e com mais turmas.

Estava aqui a nossa companheira dizendo que uma das maiores causas de afastamento do professor – eu já fiz um estudo, já dei palestras em algumas escolas aqui – são causas psiquiátricas. *Burnout*... (PAUSA) É, está na moda, não é?

Depois era por causa de voz e a terceira, doenças esqueléticas: dor na coluna, dor no braço, bursite, varizes nas mulheres, dores; essas são as maiores causas de afastamentos daqueles que eu pude avaliar em São Paulo e Minas Gerais, que eu tive os dados.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

Eu não tive os dados do Estado de Mato Grosso, mas percorri algumas salas de aulas, algumas escolas me receberam quando eu trabalhava como médico da família.

E a aluna que falou aqui, a Luciana da Escola Ana Maria, era do bairro no qual eu trabalhava como médico da família, Cohab Nova. Aquela região que eu tenho um carinho enorme; tenho por toda Cáceres, mas é uma região que eu trabalhei como médico e fiz muitas palestras.

Quando falamos de valorização, valorização é valor mesmo, cai nisso também. Valorizar o profissional é você remunerá-lo bem, num país em que é um erro federal, discutir um piso de professor de R\$ 900,00, que País sério é este? Onde vai chegar? A lugar nenhum.

Se os tigres asiáticos, se Coreia do Sul, se chegaram onde chegaram, foi através da educação; e foi educação universitária? Não. Foi onde os senhores e senhoras trabalham. Será que só o Senador Cristóvão Buarque, uma voz quase solitária no Senado, tem razão?

Como é que eu posso dar o mesmo ensino... Não estou aqui culpando o município, não. Como é que pode o município de Acopiara do Estado do Ceará, que é terra dos meus pais, ou aqui em Cáceres, a segunda mais pobre do Estado de Mato Grosso, sexagésima quarta do país, dar o mesmo ensino que Lucas do Rio Verde? Dar o mesmo ensino que é dado em São João do Ivaí, no norte do Paraná, onde eu morava? É impossível.

Temos que discutir uma metodologia, senão a educação nunca será igual neste País, ela não chegará igual para ninguém, porque ela é excludente. Não importa se é seriada ou ciclada, está errada, porque o professor não tem condição de trabalho, não tem material pedagógico, não tem em que se socorrer. Como é que ele pode? O foco está errado.

Nós precisamos discutir se é ciclo ou seriado; nós não estamos aqui como Assembleia Legislativa para acabar com ciclo. Não, essas reportagens que fizeram, foram equivocadas e maldosas. E aqui estiveram mais de duzentas pessoas, ainda disseram que foi mal divulgado em alguns poucos meios de imprensa. De certo, querendo desvalorizar o trabalho da Assembleia Legislativa e dos professores que aqui se encontram. Faltaram pais, faltaram mais alunos, sim, mas nas próximas que virão – eu sei que Vossa Excelência continuará com esse trabalho –, traremos. Vamos ver em que nós erramos, precisamos trazer os pais para cá, Professor. E estou visitando escola por escola, nós temos algumas aqui, continuarei esse trabalho, para bem representá-los e levar para a SEDUC a sensibilidade.

A única certeza que me dá um conforto e tranquilidade é saber que tem um Governador que não permite nem sequer falar desse tipo de método não republicano na sua gestão. Então, eu sei que, pela primeira vez, podemos ter modelos de escola, de estrutura, de adequar-se, que não cairá no erro do passado.

Não estou falando qual gestão foi, não me interessa, porque este Brasil erra consecutivamente no seu modelo de executar as políticas da educação, da saúde e outras. É erro em cima de erro. Está na hora de mudar, está na hora de um novo perfil político da mudança, porque mudança não significa... Mudança, às vezes, é trazer gente que tem experiência de volta, como Vossa Excelência, que pode contribuir e gente nova como eu, para dar um gás, até a hora que o povo decidir.

Senhores, nós precisamos continuar essa discussão. O Sr. Régis deixou aqui um documento importante, agradeço. É um tesouro, um documento como esse é um tesouro que será divulgado. Nós levaremos aos companheiros da Assembleia Legislativa e distribuiremos cópias. E a Professora Regina e a Professora Rinalda falando para nós, é de admirar, de sair engrandecido dessa discussão, hoje eu aprendi muito. Senti saudades e aprendi muito mais hoje.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

Eu tenho que participar mais dessas Audiências Públicas, não só como médico, mas o que me levava para finalizar, o que me levava à escola era a curiosidade. Eu queria saber por que o céu era azul, porque a folha não afundava na água. Era pela vontade de saber que eu tinha que estudar, para fazer um coração de lata para minha mãe não morrer. Era a vontade de aprender, era a vontade de perseguir aquele caminho difícil do aprendizado, era o respeito aos meus professores.

Eu não peguei palmatória, não peguei nada. Eu peguei excelentes professores e tenho saudades. Valorizo os professores, hoje, da minha primeira, segunda, terceira, quarta, quinta e sexta séries. Lembro-me dos da universidade, mas os mais importantes foram eles ali, porque eles construíram a minha base. Se eu sou médico, hoje, eu não devo à universidade, eu devo aos senhores, que representam meus professores que tive no início...

Contem com a Assembleia Legislativa, contem comigo como Deputado Estadual de vocês, e com o Professor Deputado Wilson Santos, que é companheiro, líder e vice-líder do Governo. Nós estamos lá, podemos ser uma voz rouca e única, mas nós vamos gritar e uma hora vão nos ouvir. Contem conosco na Assembleia Legislativa, estamos à disposição de todos os senhores e senhoras. (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) – Olha, nós fomos informados que o cinema vai abrir a sessão agora, às 18h20min, com o filme: “Os cinquenta e seis vice-campeonatos do Vasco da Gama”. (RISOS)

Com a palavra, a Sra. Nelci Eliete, Secretária Municipal de Educação de Cáceres. Nós temos doze minutos. Depois da Sra. Nelci, tem o Sr. Laércio, a Sra. Eliene e eu. Então, são três minutos para cada um.

A SR^a NELCI ELIETE LONGHI – Boa tarde! Para mim, neste momento, no avançar da hora, vou começar a fala e reduzi-la numa frase assim: o que me fez não chegar aqui às 14h30min?

Eu estava reunida com as técnicas, com a Diretora da Escola, a Coordenadora, os Professores e a Doutora Leilamar no Judiciário, tentando saber o que nós iríamos fazer. Como fazer e de que forma fazer para aquele aluno que aos quinze anos de idade passou pela escola ciclada e hoje está na multisseriada, porque ele está matando e roubando. (PAUSA)

Então, eu chego aqui e digo assim: eu não sei se é ciclada, não sei se é seriada, mas alguém tem que ensinar o professor, o outro, todos os profissionais da educação a enxergar a pessoa que está ali na escola, que não é só um aluno, é um ser humano.

Eu estou Secretária, fui professora durante 32 anos da minha vida e hoje, nessa árdua missão – que é árdua – de ser gestora, na qual você leva pedrada de todos os lados, em que você tenta agir da melhor maneira possível.

Qual foi o grande desafio? Eu sempre ocupei o outro lado da moeda, enquanto professora, e eu criticava, porque achava que alguém tinha que fazer alguma coisa. E quando você chega lá para ocupar o outro lado da moeda, você vê o quanto é burocrático, o quanto é difícil, o quanto é desastroso, o quanto dói em nós precisar transportar o aluno e não ter estrada; o quanto dói ter alunos que estão a 180 quilômetros daqui, e eu tenho um ônibus para transportar alunos que têm que andar de 80 a 100 quilômetros para chegar à escola, e eles chegam com fome, sim.

Eu tenho um caminhão velho para entregar merenda que, muitas vezes, encrava, e se eu quiser, tenho que buscá-los de madrugada, porque não tem como chegar. Como a merenda

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

vai chegar à escola, se eu não tenho estrada? Se eu não tenho caminhão? E aí quem me ajuda? É a escola ciclada? É a escola seriada? Não, aí vai muito além.

É saber que aquele profissional que está lá na Roça Velha, está lá na União e está em todas as realidades, se ele não tiver um bom coração e afetividade, o sentimento e uma formação profissional humanizada, que vem aqui de dentro, pode ser ciclada, pode ser seriada, pode ser do jeito que for, vai continuar como está.

Eu vou falar de mim: em 32 anos de carreira pela Secretaria de Estado de Educação, recebi duas formações – duas! Isso não me fez ser mais nem menos humanizada. A formação de humanização veio da minha família, com o abraço da minha mãe, o carinho do meu pai, que tem estrutura familiar.

Agora, como nós vamos fazer isso numa sociedade em que as famílias estão todas desestruturadas? Todas! A maioria quase absoluta! Você vai lá, não tem pai, não tem mãe, vive com a tia. Como? Então, será que está só na educação a questão? Será que somos nós, educadores, que erramos o tempo todo? Será que a discussão é só o nível educacional, que vamos tentar solucionar, se é ciclado ou seriado? Será que a formação vai nos ensinar a amar o próximo, como ele precisa ser amado? É isso que eu vivo na educação, hoje, em Cáceres. Com muita vontade de poder fazer – muita!

Eu diria que – comentei ainda ontem – é o único município do Estado de Mato Grosso que deu 13,01% dos profissionais da educação, porque eu sinto que nós precisamos valorizar, só que eu não sei o que mais fazer para as coisas acontecerem, porque eu não sei a receita do bolo. Obrigada! (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) – Muito obrigado, Secretária Nelci.

Agora vamos ouvir o Laércio Neves Cardoso, presidente do Conselho Municipal de Educação. Lembrando que nós temos dois para falar em cinco minutos.

O SR. LAÉRCIO NEVES CARDOSO – Boa tarde a todos!

Em nome do Professor Deputado Wilson Santos, cumprimento toda a mesa; e em nome da Professora Regina, cumprimento meus colegas Conselheiros, que ainda resistem por aqui – ainda tem alguns Conselheiros que resistem.

Eu não vou me alongar, quero ser bastante breve, e tenho uma frase que eu carrego, há algum tempo, e sempre briguei por isso desde quando assumi a Coordenação Pedagógica na escola, pela primeira vez, em 2004: enquanto não conseguirmos responder que escola temos e que escola teremos, vai ficar difícil conseguir chegar a algum lugar, vai ficar difícil. Se nós não conseguimos responder qual é a educação que temos, como é que idealizaremos a que precisamos? Como é que idealizaremos a que queremos? Não é?

Eu acho que nós precisamos começar a dar uma reviravolta nisso. Eu não vou entrar no mérito de ciclo ou série, porque estou com um pé numa e outro pé na outra, então, eu não vou entrar no mérito disso, mas eu queria destacar uma situação sobre a educação no âmbito geral.

Nós temos um fosso de formação inicial. Aqui, falou-se muito de formação, eu não posso dizer que quando terminei Matemática, em 1997, eu estava preparado para dar aula, de jeito nenhum! Porque o meu estágio foi dar aula para um grupo de alunos, na Escola Senador Mário Motta, que estava na iminência de reprovar no ensino médio. Eu tive que ir lá salvá-los, todos queriam estudar.

E a Patrícia e a Joselina, minhas colegas de turma que aqui estão, viveram a mesma experiência, não sei se a frustração foi a mesma, esse fosso existente de formação inicial.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

Tem um programa que está acontecendo, que eu acho que pode ajudar a resolver essa formação – PIBID. Ele está bem incipiente, está iniciando, mas eu acho que tem condições de dar algumas respostas daqui a algum tempo. É uma pena que ainda é só um programa de governo, não é uma política, mas a Professora Rinalda estava me confidenciando alguns números, de mais de 140 escolas atendidas no Estado de Mato Grosso e mais de 1.000 bolsistas.

Quem são esses bolsistas? Acadêmicos dos cursos de Licenciatura das diversas áreas existentes na Universidade do Estado de Mato Grosso. (PAUSA)

Ah, sim, aí tem os outros bolsistas que são supervisores e instrutores, que envolvem acadêmicos e os demais.

Onde é que eu quero chegar com isso? Se a educação não for prioridade e se, nessa prioridade, o nosso aluno não estiver na ponta, a que viemos aqui? O que nós estamos fazendo aqui?

Então, eu defendo, sim, o ciclo, acho que a proposta é maravilhosa, é magnífica, porém, a sua possibilidade de execução foi, digamos, podada em alguns aspectos.

Escola ciclada, como o Dimas ressaltou, é extremamente excludente e é uma arma na mão daquele que quer usar como arma. Eu nunca a usei como arma, mas ela é uma arma na mão de quem quer usá-la. Mata um bocado de alunos aqui e acolá, se quiser fazer isso. Não quer dizer que seja um método totalmente insignificante ou desnecessário.

Diante disso e diante do adiantamento do horário, quero agradecer a presença de todos, eu nunca participei de uma Audiência Pública em Cáceres com tanta gente.

Obrigado e boa noite a todos. (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) - Vamos ouvir a Vice-Prefeita Antônia Eliene.

A SR^a ANTONIA ELIENE LIBERATO DIAS – Boa noite a todos! Quero imensamente agradecer a cada um de vocês, que conseguiram ficar aqui até este horário, e parabenizar o nosso Deputado Wilson Santos, Professor, pela iniciativa de promover esta audiência, que com certeza é um marco. Como o professor Orlandir colocou: já se iniciou essa discussão, já houve uma conferência, mas o senhor sai daqui, hoje, com um raio-X da realidade da educação em nosso Estado de Mato Grosso.

Quero cumprimentar também o Deputado Dr. Leonardo, que está aqui presente até este momento, a Professora Rinalda, a Professora Regina e os demais aqui presentes.

E dizer que sou professora, estou do lado de cá, e é o que eu faço para nós refletirmos sobre a nossa responsabilidade, como tudo foi colocado aqui, eu faço minhas as palavras do Professor Dimas, quando ele diz que realmente a modalidade traz um repensar, são modalidades diferentes, sim, e precisam ser avaliadas. Mas tudo isso, Professor, passa pelo que você viu aqui nos depoimentos, pela reestruturação da nossa educação, enquanto espaço de formação, de estrutura física, de valorização dos profissionais. Nós vimos o último depoimento, da Nelci, que estava discutindo as questões sociais que também perpassam pelo espaço da escola.

Então, nós precisamos repensar como estamos do lado de cá, com muita responsabilidade, entender que no Estado de Mato Grosso e no Brasil, por ser um País com uma extensão territorial imensa, temos nossas peculiaridades, no caso aqui, um município de fronteira, temos os alunos que estão na faixa, com essa situação social que é excludente também.

Eu penso que daqui não vai – como o Deputado Dr. Leonardo colocou – ser publicada uma chamada para a responsabilidade, de todos os profissionais que estão aqui. Eu coloco todos os profissionais, como o Professor Orlandir colocou, que estão lá no espaço da

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

escola, para uma discussão que nós sabemos que tem uma importância para o desenvolvimento do nosso município e do nosso Estado.

E na chamada falava que acabava com a escola ciclada, mas na mesma hora, Deputado, eu liguei, na frente da Professora Zilda, para o responsável pelo *site*, e falei que de forma alguma era essa conotação e que era para trazer aqui para este espaço, para que os profissionais de educação pudessem participar e colocar aqui os desafios, as angústias, para Vossa Excelência fazer esse diagnóstico e levar com bastante responsabilidade para o nosso Governador, para que ele possa avaliar.

Eu acredito que a questão não é acabar; nós precisamos corrigir, sim, algumas distorções; precisamos avaliar com responsabilidade, sim.

Nós agradecemos e parabenizamos Vossa Excelência por essa iniciativa, em nome do município e em nome de todos que estão aqui.

Quero dizer, como o nosso Paulo Freire, grande pedagogo, diz: “Não há saberes maiores e nem saberes menores, e sim saberes diferentes”, e assim é a modalidade seriada. Eu sou fruto da escola seriada, trabalhei... Não tenho experiência na escola ciclada, sou profissional concursada do ensino médio e não tenho essa experiência, mas tem alunos – como o depoimento da Luciana, da Escola Ana Maria Noronha – que sentiram essa diferença. Mas é como a Nelci, ao final, falou: nós temos que entender que estamos trabalhando com seres humanos, seres humanos que têm histórias diferentes, vidas diferentes e que chegam ao espaço da escola, muitas vezes, com as necessidades mais básicas do ser humano e que você tem que trabalhar, sim, de forma diferenciada.

Espero o compromisso por parte da Assembleia Legislativa e aí, na hora de votar o orçamento, pensar na educação como prioridade. São Vossas Excelências que aprovam lá, para que realmente tenhamos ali uma escola, uma educação de qualidade em nosso Mato Grosso.

Meu muito obrigado e sucesso para Vossa Excelência, continue e volte para discutir a educação. (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (WILSON SANTOS) – Eu é que agradeço!

Para encerrar, eu quero agradecer a presença maciça, quase trezentas pessoas passaram aqui por este cinema hoje; estamos com quase sessenta presentes, depois de quatro horas de Audiência Pública; se não serviu para muita coisa, serviu pelo menos para acender o paviozinho, porque não há nada mais sério neste Estado do que a educação.

Cada um tem o seu modo de ver, o seu nível de experiência. Anotei quase tudo e as nossas câmeras registraram tudo que se falou aqui. É a quinta Audiência Pública, nós ainda vamos para mais três: em Barra do Garças, São Félix do Araguaia e, depois, na Baixada Cuiabana.

Nós vamos produzir um documento e vamos cobrar da SEDUC, independentemente da minha posição e do Deputado Dr. Leonardo, na condição de liderança do Governo na Assembleia Legislativa, o nosso compromisso maior é com a educação.

Estamos aprendendo muita coisa aqui, estamos falando pouco e ouvindo muito, são quase quatro horas ouvindo. Eu quero parabenizá-los. Esta foi uma das melhores Audiências Públicas, recebemos informações profundas.

E quero dizer, em relação a esse episódio, que penso que não devemos dar muita importância, porque é coisa de maledicentes, gente que não está preocupada com a educação, mas quer fazer política pequena. Das cinco Audiências Públicas, essa foi a única que apareceu este tipo de informação de que a Assembleia Legislativa fez um convite e que no

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

convite fala em extinção. Não é verdade, nós temos um documento oficial da Assembleia Legislativa, tanto em Sinop, quanto em Alta Floresta, Tangará e Rondonópolis, não houve esse tipo de repercussão, nós temos maturidade para elaborar um documento sério, oficial.

O convite nosso é este aqui, este é o convite oficial, com o timbre da Assembleia Legislativa, vou fazer até questão de lê-lo aqui:

“O Presidente da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, Deputado Guilherme Maluf, convida Vossa Excelência para participar das Audiências Públicas requeridas pelo Deputado Wilson Santos e Dr. Leonardo, com o objetivo de debater o Ciclo de Formação Humana, implantado no Estado de Mato Grosso...”

Datas: “07 de maio de 2015; horário: às 9 horas; local: Auditório do CEFAPRO, Rua José Corsino, Tangará da Serra; 08 de maio de 2015; horário às 14h30min – inclusive, eu cheguei às 14 horas, pensei que era às 14 horas –, CINE XIN, Praça Barão do Rio Branco, Centro, Cáceres”... Esse é o nosso convite, não teve nenhum outro.

Eu quero agradecer e deixar uma minhoquinha na cabeça de todos nós: houve um consenso de ciclada ou seriada, o que interessa é qualidade. Quem optar pela seriada, que priorize a qualidade; quem optar pela ciclada, que priorize a qualidade. Eu sou Professor de cursinho, a qualidade é muito pequena – tanto da seriada, quanto da ciclada, a qualidade está deixando muito a desejar.

Também acho que o Governo tem muita culpa nisso, também acho! Acho e discordo do meu amigo Alfredo... Eu acho – não tenho certeza, ainda vou estudar – que o modelo ciclo foi imposto autoritariamente, sem consulta; não houve um namoro, não houve uma conquista dos Professores que iriam trabalhar com ele; chegou num dia e “a partir de amanhã é ciclo e acabou a conversa”!

Esse é o meu pensamento, não se muda uma coisa tão profunda sem conquistar quem vai operar com ela, não houve uma preparação... Não fui só eu que falei isso aqui, não. Várias pessoas disseram aqui: não houve uma preparação do corpo docente para mudar do seriado para o ciclo. Não houve!

O professor colocou que tem 32 anos de escola, só recebeu duas formações, porque a educação tem sido prioridade nos palanques eleitorais. Quando é empossado, a regra tem sido sempre a mesma, está lá para a 14ª ou 15ª prioridade, é só observar o número de greves que acontecem.

Fui professor em Cuiabá... Com o meu sucessor, ficamos oito anos na Prefeitura de Cuiabá, co o SINTEP altamente politizado, e sabe quantos dias de greve em oito anos? Nenhum.

Triplicamos o piso salarial dos professores de Cuiabá, entregamos um computador de última geração para os dois mil professores em sala de aula; criamos oito programas pedagógicos, consolidamos a escola ciclada. E o IDEB? Tiramos da 23ª posição do ranking das 27 capitais, para a 7ª posição no Brasil – o Alfredo estava comigo lá.

Criamos o Programa Escola com Saúde, que depois motivou o Governo Federal a fazer o mesmo. Na inclusão de crianças com deficiência física ou mental, Cuiabá virou referência nacional do MEC. Ainda investimos no cursinho preparatório para o vestibular; criamos a Bolsa Universitária Municipal, colocamos mais de seis mil jovens nas universidades. Lá nós tratamos... E eu não sabia de tudo.

Convidei o SINTEP, o SINTEP veio, e nós entregamos a Secretaria-adjunta a ele. À época o SINTEP era presidido pela Sra. Helena Bortolo com o Sr. Romeu. E não tivemos

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA
IMPLANTADO NO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 08 DE JUNHO
DE 2015, ÀS 14H30MIN, EM CÁCERES.

um dia de greve. Nas reuniões internas quebrávamos o pau, só faltávamos sair na pancada, eu e a Sra. Helena, mas no final ajustávamos as posições e fomos para as salas de aulas só com boas notícias. Trouxemos os maiores palestrantes do Brasil, os mais caros, para motivar o conjunto de professores; tratamos como prioridade. Despachava toda semana, um dia inteiro dentro da Secretaria Municipal de Educação.

É possível, sim, melhorar a educação – vocês permaneceram até aqui... Não quero culpar os que saíram, porque provavelmente tinham outras agendas, outros compromissos, mas eu saio daqui entusiasmado. Voltaremos no segundo semestre já com o resultado de todo este trabalho.

Muito obrigado a Cáceres e parabéns aos colegas profissionais. (PALMAS)

Equipe Técnica:

- Taquigrafia:

- Amanda Sollimar Garcia Taques Vital;
- Ariadne Fabienne e Silva de Jesus Carvalho;
- Cristiane Angélica Couto Silva Faleiros;
- Cristina Maria Costa e Silva;
- Dircilene Rosa Martins;
- Donata Maria da Silva Moreira;
- Isabel Luíza Lopes;
- Luciane Carvalho Borges;
- Tânia Maria Pita Rocha.

- Revisão:

- Verenice Correa de Moraes da Costa.